

CONVIVER: CAMINHO PARA A CONSTRUÇÃO DE REDES

2024

Coletânea de textos da 3ª Maratona Agostiniana
de Redação do Ensino Fundamental e Médio





Conviver: caminho para a construção de redes

Coletânea de textos da 3ª Maratona Agostiniana de
Redação do Ensino Fundamental e Médio

Jean Santos Otoni
Organizador

Revisão:

Abraão Augusto Coutinho
Ana Flávia Inácio Ferreira
Camila Lacerda Miranda
Carolina Valadares Tantikitmanee
Naísa Gécida Alves Santos
Sheilla de Melo Horta

Revisão Final:

Jean Santos Otoni

DADOS DE CATALOGAÇÃO NACIONAL NA PUBLICAÇÃO
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecária responsável: Belkiss Regina Del Rio
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

OTONI, Jean (org.)

Conviver: caminho para construção de redes. Coletânea de textos da 3ª Maratona Agostiniana de Redação do Ensino Fundamental e Médio. Jean Otoni (org.). Belo Horizonte: Rede Lius, 2024.

ISBN 978-65-00-98429-3

1. Leitura (Ensino Fundamental e Médio) 2. Português – Redação (Ensino Fundamental e Médio) 3. Textos (Ensino Fundamental e Médio). I. Título.

CDU- 801

Índice para catálogo sistemático

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida, por qualquer processo sem a permissão expressa do organizador.

EXPEDIENTE

REDE LIUS AGOSTINIANOS

COLÉGIO SANTO AGOSTINHO

ESCOLA PROFISSIONALIZANTE SANTO AGOSTINHO

COMISSÃO ORGANIZADORA

Analista de Área do Conhecimento Institucional sênior

Jean Santos Otoni

Analista de Área do Conhecimento Olimpíadas e Concursos

Simone Carvalho de Faria

COMISSÃO JULGADORA

CONSELHO EDITORIAL:

(PROFESSORES DE PRODUÇÃO DE TEXTOS)

Aline Resende Pereira Marinho (Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima)
Bárbara Amorim Vivas (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Camila Luzia Andrade Reis (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Cristhiane Maurício Cornélio (Escola Profissionalizante Santo Agostinho)
Débora Priscila Simião (Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem)
Hellen Cristina Oliveira de Sena Duarte (Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima)
Hortência Clara de Amorim Rocha (Colégio Santo Agostinho – Unidade Gutierrez)
Jean Santos Otoni (Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem/SIC – Sede)
Laura Gabino Canesso Moreira (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte / Gutierrez)
Livia Matos Saraiva (Escola Profissionalizante Santo Agostinho)
Marcus Vinícius Leles de Barcelos (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Maria Raquel Dias Sales Ferreira (Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima)
Otávio Augusto Monteiro Xavier (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Rosane Vicentina Goulart Beltrão (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Samuel Oliveira Alves (Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem)
Thamara Isabelly Soares Santos (Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima)
Thiago Soares de Paula (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte/Nova Lima)
Vera Lúcia Pinto Campos (Escola Profissionalizante Santo Agostinho)

COMITÊ CIENTÍFICO:

(MONITORES DE PRODUÇÃO DE TEXTOS)

Beatriz Rodrigues da Silva (Colégio Santo Agostinho – Unidade Gutierrez)
Bruno Emanuel Roldan (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Camila Lacerda Miranda (Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem)
Carolina Valadares Tantikitmanee (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Henrique Antunes de Paula (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Isabela Catarina Soares Bartholomeu (Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima)
Livia Maria dos Santos (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Mariane de Freitas Souza (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)
Marília Silloti Sobral (Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima)
Melissa de Paiva Branco (Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima)
Milena Axel Nascimento Costa (Colégio Santo Agostinho – Unidade Gutierrez)
Pollyanna Marques de Abreu (Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima)
Samara Leite de Lima (Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima)
Samuel Oliveira Alves (Colégio Santo Agostinho – Unidade Nova Lima)
Taine Soares de Jesus (Colégio Santo Agostinho – Unidade Contagem)
Thaís Aparecida Lima (Colégio Santo Agostinho – Unidade Belo Horizonte)



APRESENTAÇÃO

A obra “Conviver: caminho para a construção de redes – Coletânea de textos da 3ª Maratona Agostiniana de Redação do Ensino Fundamental e Médio” é o resultado da terceira edição de um concurso interno de redação dos Colégios Agostinianos e da Escola Profissionalizante da Rede Lius Agostinianos, que visa incentivar a escrita de textos de excelência acadêmica que discutam o tema do Mês Agostiniano — “Conviver: caminho para a construção de redes” —, além de despertar, nos estudantes, o interesse por assuntos sensíveis à sociedade.

Neste livro, reunimos sessenta textos selecionados, elaborados por estudantes das diferentes unidades, que buscam mostrar a compreensão de seus autores sobre a temática proposta e o envolvimento das ações pessoais para a melhoria da vida em sociedade.

Para guiar as produções, foram organizadas 5 categorias, cada uma com um recorte temático estabelecido pela organização da 3ª Maratona Agostiniana de Redação.

• **Categoria 1 (6º ano): conto fantástico.**

Os estudantes foram desafiados a escrever um conto fantástico que apresentasse uma narrativa sobre como a convivência foi fundamental para que três jovens vizinhos, transportados para outra dimensão após ficarem presos no elevador, conseguissem sair dela a partir do esforço e do trabalho em equipe.

• **Categoria 2 (7º e 8º anos): conto de aventura.**

Os alunos do 7º e do 8º anos, incluídos na mesma categoria, foram desafiados a escrever um conto de aventura. Para o 7º ano, a solicitação foi a elaboração de uma história capaz de narrar como a convivência modificou a primeira impressão de um rapaz sobre uma pesquisadora, com quem foi enviado a uma expedição.

Para o 8º ano, os contos de aventura deveriam apresentar o que foi vivenciado por dois jovens que decidiram conhecer uma tribo indígena, cujas lideranças eram mulheres. Os textos deveriam demonstrar o conflito na convivência com as personalidades de diferentes culturas e os aprendizados transmitidos pelas líderes indígenas.

• **Categoria 3 (9º ano): artigo de opinião.**

Os estudantes de 9º ano foram desafiados a se imaginarem como um articulista do jornal do Colégio Santo Agostinho e foram convidados a escrever um artigo de opinião sobre o tema “Persistência materna na busca por uma convivência inclusiva para seus filhos com deficiência”. Para isso, deveriam utilizar argumentos convincentes e persuasivos, considerando o impacto positivo da persistência da luta materna na vida de seus filhos, na transformação de políticas públicas e na conscientização social.

• **Categoria 4 (1ª e 2ª séries): dissertativo-argumentativo (modelo Enem).**

Nesta categoria, os alunos de 1ª e 2ª séries foram desafiados a produzirem um texto dissertativo-argumentativo a partir da leitura de textos motivadores e com base

nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação. Para a 1ª série, a frase-temática proposta foi “A importância da tolerância e da boa convivência escolar como formas de combate ao bullying”. Já a 2ª série desenvolveu o texto a partir do tema “A convivência entre homem e meio ambiente: desafios para conciliar preservação ambiental e desenvolvimento social”.

• **Categoria 5 (3ª série): dissertativo-argumentativo (modelo Enem).**

Esta categoria traz textos dissertativo-argumentativos escritos no modelo Enem, isto é, na modalidade escrita formal da língua portuguesa, sobre o tema “A importância da boa convivência e das conexões sociais para a promoção do desenvolvimento harmônico das comunidades”, apresentando uma proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Além disso, os estudantes de 3ª série, para a escrita de seus textos, deveriam selecionar, organizar e relacionar, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seus pontos de vista.

A relevância desta coletânea está na materialização de textos que, produzidos com fins didáticos, estão sendo publicados em forma de livro. A proposta de realização do concurso envolvendo produções textuais provocou interesse nos estudantes, principalmente por se tornarem protagonistas na apresentação de uma escrita literária pautada por uma linguagem conotativa, no caso do Ensino Fundamental, e de uma escrita argumentativa crítica, no caso do Ensino Médio, tendo em vista o desenvolvimento de habilidades de produção de textos conforme seu estágio escolar. A realização da Maratona de Redação foi uma importante oportunidade para os alunos desenvolverem suas habilidades de escrita, expressão e argumentação, além de promover a interação entre as diferentes séries e incentivar a reflexão sobre temas relevantes.

Os resultados deste trabalho são importantes, portanto, não só para os professores, mas também para o autor/estudante que pretende, por meio de sua escrita, interagir com o leitor a partir de temas correntes em nosso meio social. O material apresenta as redações finalistas, quais sejam, os melhores contos de aventura, contos fantásticos, artigos de opinião e textos dissertativo-argumentativos.

Prof. Jean Santos Otoni
Analista de Área do Conhecimento Institucional Sênior
Produção de Textos



PREFÁCIO

[Coletânea de textos da 3ª Maratona Agostiniana de Redação do Ensino Fundamental e Médio: "Conviver: caminho para a construção de redes]

O primeiro biógrafo de Santo Agostinho, seu amigo e irmão de comunidade, São Possídio, ao escrever a *Vita Augustini*, nela incluiu um índice de suas obras. Tal iniciativa prestou um enorme serviço à posteridade, na medida em que transmitiu, em primeira mão, uma lista autorizada dos escritos autênticos de Santo Agostinho.

No final dessa Biografia de Agostinho, ele cita um poeta pagão desconhecido: "*Viajante, não sabes que o poeta pode viver além da sepultura? Aí estás e lês este verso: sou eu que falo, portanto. Ao leres em voz alta esta obra, tua voz é a minha*". Ao citar o poeta, Possídio indicava que a obra de seu amigo Agostinho se perpetuaria, seria lida, copiada e reproduzida por inteiras gerações. De fato, ela atravessou os séculos e ainda hoje inspira escritores contemporâneos. Sua obra é universal, porque toca os corações, ilumina as mentes, aponta caminhos. Agostinho criou, dessa forma, redes de relações entre tempos e culturas, colaborando para uma boa convivência entre seus leitores.

O menino *Aurelius Augustinus* ("meu pequeno Augusto", como o chamava sua mãe, Mônica) não gostava da escola primária, porque era monótona, repetitiva, enfadonha... quatro anos memorizando declinações do latim, copiando textos, o menino irrequieto detestava tudo isso. Não poucas vezes recebeu umas bordoadas para aprender as lições, além de ter dificuldades com a língua grega.

Mas a coisa mudou quando ele começou a escola média. Ler os clássicos latinos e gregos despertou o seu talento para a literatura, a poesia, a oratória e a escrita. Ele começou a participar de certames literários e ganhou os louros do primeiro lugar em vários deles. Ainda adolescente, ele leu um livro de Cícero, o *Hortensius*, que acendeu em sua alma o desejo de buscar a sabedoria. Nessa época, ele desdenhou a leitura da Bíblia, porque achava seus textos estórias de crianças, de velhos e de beatas. Ele considerava esses textos, que, na verdade, não tinham uma boa tradução, como inferiores à literatura dos clássicos.

Infelizmente, seus primeiros escritos, uma coletânea de poemas, e o livro *Sobre o Belo e o Útil* se perderam. Mas mais de 130 livros chegaram até nós. No processo de sua conversão, ele ia escutar o bispo Ambrósio em Milão, que tinha uma oratória renomada. Por essa época, ele retomou a leitura da Bíblia, agora com textos traduzidos num latim refinado. E as Escrituras cristãs – um clássico da literatura mundial – começaram a fazer efeito em sua alma. Muitas obras de Agostinho são comentários às sagradas letras.

Recentemente o Papa Francisco publicou uma *Carta sobre o Papel da Literatura na Educação*. Entre outras coisas, Francisco diz: "*Uma obra literária é um*

texto vivo e sempre fértil, capaz de falar de novo e de muitas maneiras, capaz de produzir uma síntese original com cada leitor que encontra. Este, enquanto lê, enriquece-se com o que recebe do autor, mas isso permite-lhe, ao mesmo tempo, fazer desabrochar a riqueza da sua própria pessoa, pois cada nova obra que lê renova e expande o seu universo pessoal”.

Prossegue o Papa: *“De uma forma ou de outra, a literatura tem a ver com o que cada um de nós deseja da vida (...) Afinal, o coração procura mais e, na literatura, cada um encontra o seu próprio caminho”. Segundo ele, a literatura dialoga com a fé, a cultura, as ciências; permite “ouvir a voz de alguém”; reúne “companheiros de viagem”, é “uma espécie de ginásio de discernimento”, o “estômago da alma”. Por ela se pode “ver através dos olhos dos outros”, além dela possuir um enorme “poder espiritual”.*

Parabenizo a iniciativa da “Terceira Maratona Agostiniana de Redação” e, sobretudo, os nossos jovens escritores, que, com sua criatividade, perspicácia, espírito crítico, análise inteligente e excelente expressão escrita, brindam-nos com estes textos. Encontram-se, assim, nas pegadas do grande Agostinho de Hipona, transmitindo ao nosso tempo e, quem sabe, a tempos futuros, a capacidade de ampliar novos horizontes de compreensão, com o poder da escrita e da palavra. Ao lermos suas produções, eles dialogam conosco, leitores e leitoras, e, juntos, construímos mais um “caminho para construção de redes”, sonhamos com novas possibilidades, encontramos pistas para um bem-viver, conviver!

Frei Luiz Antônio Pinheiro, OSA
Prior Provincial
Presidente da Rede Lius Agostinianos

SUMÁRIO

CATEGORIA 112

A extraordinária aventura de união em outra dimensão.....	13
O elevador fantástico	14
Um raio, um elevador e um sumiço	15
Os vizinhos	16
Uma jornada em outra dimensão	17
Vizinhos em outra dimensão	18
Os três vizinhos	19
De volta à realidade	20
O mundo perdido	21
A outra dimensão	22
O mistério da Floresta “Encantada”	23
O poder da empatia.....	24
A grande aventura da dimensão nova.....	25

CATEGORIA 226

Entre cultos e crenças	27
A escavação na qual não foram encontrados fósseis, e sim uma amizade	28
Consciência ética: um caminho para ajudar o próximo	29
A expedição inesquecível	30
Quinze dias de matriarcado	31
A convivência que muda opiniões	32
Entre laços e ensinamentos	33
Quinze dias com uma nova cultura	34
Choque de culturas	35
Problemas em Lagoa Santa	36

CATEGORIA 337

Negligência com a maternidade e com a deficiência	38
Mães na luta pela inclusão	39
Vozes ignoradas de mães desamparadas	40
Mãe, a maior prova de amor de um filho	41
A importância da mãe na criação da criança com deficiência	42
A força das mães	43
Maternidade e deficiência	44
Os empecilhos para uma convivência inclusiva	45
A luta de uma mãe	46
Aprendizes da convivência	47
A deficiência da sociedade	48
Deve-se abraçar a convivência	49
Mães, pilares solitários	50

CATEGORIA 4.....51

TEXTO 1 52
TEXTO 2 53
TEXTO 3 54
TEXTO 4 55
TEXTO 5 56
TEXTO 6 57
TEXTO 7 58
TEXTO 8 59
TEXTO 9 60
TEXTO 10 61
TEXTO 11 62

CATEGORIA 5.....63

TEXTO 1 64
TEXTO 2 65
TEXTO 3 66
TEXTO 4 67
TEXTO 5 68
TEXTO 6 69
TEXTO 7 70
TEXTO 8 71
TEXTO 9 72
TEXTO 10 73
TEXTO 11..... 74
TEXTO 12 75
TEXTO 13 76

CATEGORIA 1

6º ANO

CONTO FANTÁSTICO

Este capítulo convida o leitor a embarcar em uma jornada emocionante e repleta de suspense, em que a ciência encontra a fantasia, e a amizade se torna a força motriz para a sobrevivência.

Os estudantes foram desafiados a escrever um conto fantástico que apresentasse a narrativa de como a convivência foi fundamental para que três jovens conseguissem sair de uma outra dimensão. O enunciado contou com uma breve motivação para impulsionar a escrita:

Em meio a uma tempestade, três jovens que, apesar de morarem no mesmo prédio, não se conheciam, entraram no elevador para ir até seus apartamentos. Ao apertarem o botão referente ao andar em que viviam, um raio caiu, levando consigo a luz. Quando a energia se restabeleceu, a porta do elevador se abriu e eles se viram em uma nova dimensão. A mulher do grupo, que era uma bióloga, animada com a natureza exótica que viu, foi a primeira a querer explorar o novo mundo e instigou os vizinhos a embarcarem nessa aventura. Juntos, os três moradores do prédio têm que superar as diferenças e conviver para encontrarem uma maneira de voltar para a realidade.

Os alunos selecionados foram capazes de atender à proposta apresentada, elaborando um texto em que os três vizinhos tiveram que, juntos, superar os desafios da nova dimensão e sair do local. Além disso, demonstraram conhecimento quanto à estrutura da tipologia narrativa, com a presença de personagens, espaço, tempo, narrador e enredo que apresentasse a situação inicial, o conflito, o clímax e o desfecho.

Tal proposta, portanto, abriu margem para que os alunos não apenas dessem asas à imaginação, mas também colocassem em prática tudo aquilo que aprenderam enquanto alunos, escritores e leitores.

A extraordinária aventura de união em outra dimensão

Estudante: Rodrigo Ranieri Gomes

1º Lugar Geral - Categoria 01

6º ano - Ensino Fundamental

Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Era uma vez três vizinhos que não se conheciam. Seus nomes eram Pedro, Rodrigo e Júlia, que era bióloga. Certo dia, em meio a uma forte tempestade, os jovens entraram no elevador para retornarem a seus apartamentos. Porém, ao apertarem o botão de seus andares, um raio caiu e a luz acabou. Tudo estava escuro.

Quando finalmente a luz voltou, a porta do elevador se abriu. Havia um portal para outra dimensão. Júlia, que se animou com a exótica natureza vista, foi a primeira a atravessar o portal e a querer explorar o novo mundo. Instigou os vizinhos a entrarem na dimensão desconhecida. Como não se conheciam, cada um foi explorar o lugar sozinho.

Durante a exploração, começaram a ficar entediados. Até mesmo Júlia já não estava mais tão animada. Cada um disse a si mesmo que desejava voltar ao mundo normal. Então, uma voz misteriosa proclamou:

— Para voltarem às suas realidades, vão ter que vencer desafios. Unam-se! Caso contrário, não conseguirão retornar ao mundo normal.

Os jovens saíram procurando os desafios, mas não se preocuparam em se unir. Enfrentaram desafios fáceis, como atravessar uma ponte, realizar alguns saltos e falar algumas frases consideradas, por muitos, difíceis de dizer corretamente. Foram se aproximando do portal que os levaria de volta para o prédio onde moravam, até que o último desafio chegou e parecia impossível de vencer. A voz misteriosa disse novamente:

— Vocês deveriam ter se unido! Eu avisei!

Júlia e Pedro não deram importância, mas Rodrigo estava preocupado e correu em disparada para encontrar os vizinhos. Encontrou Júlia e, num abraço, levou-a na correria. Então, encontraram Pedro e o levaram junto consigo para o desafio.

Rodrigo explicou aos vizinhos a importância da boa convivência e da união naquele momento. Os garotos concordaram com a explicação. Para avançarem, um deles teria que se sacrificar para os outros passarem. Rodrigo concordou em fazer o sacrifício, e Pedro e Júlia passaram. A menina acabou encostando em um botão de ouro, que, felizmente, fez Rodrigo reviver, e Júlia ficou feliz por não ter perdido seu novo amigo.

Assim, após as provações, os agora grandes amigos retornaram muito felizes a seus apartamentos. Eles nunca se esqueceram dessa aventura e continuaram mantendo a boa relação.

O elevador fantástico

Estudante: Maria Luísa Ferreira Freire

1º Lugar do Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Categoria 01

6º ano - Ensino Fundamental

Era uma vez, durante uma tarde chuvosa, três jovens, que eram vizinhos, mas não se conheciam. Eles entraram no elevador juntos, apertaram o botão referente aos seus andares e começaram a subir, até que, de repente, uma tempestade fez com que o elevador parasse. Os jovens ficaram com muito medo, então, para se distraírem, começaram a conversar e descobriram que seus nomes eram Ana, Liz e Tito. Após 20 minutos, a porta do elevador abriu e os vizinhos não acreditaram no que estavam vendo.

Os agora amigos perceberam que tinham sido teletransportados para uma nova dimensão, que parecia uma selva, com uma mata escura e fechada, muito assustadora. Liz, que era bióloga, se animou com a natureza exótica que viu. Ela convenceu os colegas a explorarem a floresta junto dela.

Ao entrarem na nova dimensão, os três começaram a discutir sobre o caminho que iriam seguir, quando, de repente, uma tempestade começou, e eles tiveram que se esconder debaixo de uma árvore. Enquanto se escondiam, lembraram que não tinham como voltar para casa. Resolveram procurar por algum bruxo que vivia por ali. A chuva passou e os vizinhos foram atrás de algum humano.

Durante a busca, os colegas brigaram novamente, pois as meninas queriam atravessar o rio e Tito queria seguir caminhando, até que começou a chover. Liz, então, percebeu que, quando eles se desrespeitavam, uma tempestade começava. Com medo de não conseguirem voltar para casa, os amigos combinaram de conviver em harmonia para sempre.

Caminharam um pouco mais, até que encontraram uma casa preta, velha e suja, onde morava uma terrível bruxa. Ao entrarem na casa, a mulher abominável cumprimentou o grupo e perguntou a eles o que estava acontecendo. Ana explicou a situação. A temível senhora falou que poderia ajudar os três, mas com a condição de que eles arrumassem toda a casa dela. Dito e feito: os vizinhos fizeram uma ótima faxina e, como prometido, foram ajudados pela bruxa. Ela entregou a eles uma poção que os fez ser teletransportados de volta para o prédio em que moravam.

Um raio, um elevador e um sumiço

Estudante: Isabela Martins Ribeiro

1º Lugar do Colégio Santo Agostinho - Unidade Contagem

Categoria 01

6º ano - Ensino Fundamental

Em um prédio qualquer, em um bairro qualquer, viviam três jovens: Yosano Atito, uma bióloga otimista, persistente e estudiosa; Edgar Alan Poe, um poeta desmotivado e pessimista; e Lyodor Dostoersky, um filósofo sem senso crítico e curiosidade.

Os jovens não se conheciam, mas um elevador mudaria suas vidas. Em uma tarde chuvosa, Yosano estava indo à faculdade, Poe indo à casa de sua avó, e Lyodor, ao supermercado. Todos agiam normalmente quando, de repente, um raio atingiu o prédio. Todos ficaram inconscientes por um momento, mas, depois de alguns minutos, eles despertaram.

Quando abriram a porta do elevador, todos ficaram chocados: Yosano ficou se questionando, Poe começou a chorar e Lyodor nem reagia. Depois daquela porta existiam florestas e outros ambientes mágicos nunca vistos pelo ser humano. Quando eles saíram do elevador, as portas se fecharam no mesmo instante. Yosano tomou uma atitude, se apresentou aos seus vizinhos e tentou motivá-los a sair dali. Lyodor só concordou e Poe também, mas, sempre que conseguia, apontava formas de como ele poderia morrer nesse lugar mágico.

Depois das apresentações, a jornada havia começado. Yosano, sempre que podia, motivava e ajudava seus colegas a continuarem tentando, enquanto Poe se lamentava e o Lyodor não fazia nada. Um ano havia se passado e eles haviam se tornado melhores amigos. Lyodor agora tinha opinião e Poe era mais otimista e motivado.

Um dia todos estavam reunidos ao redor da fogueira quando Poe começou a mostrar seus poemas e Lyodor a fazer seus questionamentos, até que, de repente, após um clarão de luz, Yosano revelou ser um anjo. Os dois ficaram imóveis, mas, então, Yosano explicou que ela tinha sido enviada para mostrar para eles o lado bom da vida e a importância dos relacionamentos e como eles podiam mudar alguém. Ela estava ali para trazê-los de volta à vida, tudo aquilo era sua obra. Quando piscaram, eles acordaram no elevador, só que dessa vez sem a amiga bióloga. Depois disso, Edgar Alan Poe virou um grande poeta, e Lyodor Dostoersky, um grande filósofo. Eles nunca mais viram Yosano e nunca esqueceram daquele ano de suas vidas.

Os vizinhos

Estudante: Laura Magalhães Bernardes **1º Lugar do Colégio Santo Agostinho - Unidade Gutierrez**

Categoria 01

6º ano - Ensino Fundamental

Laís, Mirabela e Rogério moravam no mesmo prédio, apesar de não se conhecerem. Certo dia, os três jovens estavam voltando de seus trabalhos e entraram no mesmo elevador. Rogério apertou o botão de seu andar e, inusitadamente, um raio caiu! Quando a luz do elevador voltou, a porta se abriu e os três vizinhos se encontravam em uma nova dimensão: um lugar de solo raro, com luzes por toda parte e muita diversidade!

Mirabela, uma bióloga renomada, de longas e negras madeixas, ficou maravilhada com aquele ambiente, em que havia lagos de todas as cores do arco-íris, grama vermelha e céu amarelo. Os três só não conseguiram entender como o lugar estava vazio, já que tinha indícios de vida por toda parte.

Laís, Rogério e Mirabela estavam explorando as terras, quando uma fina e estranha voz surgiu dizendo: "Sou Fór, o único habitante desta dimensão. Este terreno é meu, e vocês são grandes invasores! Para sair deste lugar com vida, os três terão de completar duas provas! Se passarem, poderão sair; se não, ficarão para sempre aqui aprisionados!". Mesmo assustados com o aviso, os jovens estavam determinados a completar as duas provas! Na primeira, eles teriam de escalar uma montanha, a qual encontraram facilmente! A primeira a conseguir subi-la foi Laís, garota bonita de cabelos loiros: acrobata! Com o suporte da menina, Rogério, com mais dificuldade, e Mirabela, com mais facilidade, conseguiram escalar a montanha!

Novamente, os vizinhos ouviram a voz fina, que disse: "Parabéns, vocês completaram a primeira prova! Mas a próxima é mais difícil: vocês terão de mergulhar em um dos vulcões desta dimensão! Se conseguirem, serão automaticamente transportados para o prédio onde moram. E lembrem-se de que sou um ser mágico! Sei de tudo e cumpro com a minha palavra!". Laís e Mirabela estavam desesperadas, porém Rogério acalmou-as e disse que poderiam criar um dispositivo com uma tecnologia que não machucaria a pele dos três, mas que elas teriam de levar alguns materiais para ele. Mirabela concordou, no entanto Laís, não. Ela disse que não queria ser uma "ajudante". Os vizinhos ficaram tristes, porém, após algum tempo, a menina se desculpou e falou que poderia ajudar. Laís e Mirabela levaram os materiais para a invenção de Rogério, que confeccionou as vestimentas. Com muito sucesso, eles mergulharam no vulcão e, em um passe de mágica, retornaram para seu prédio, felizes, animados e eufóricos!

Os três logo notaram que foram de imensa importância para o cumprimento da prova a colaboração e a ajuda de todos e que não teriam conseguido se não trabalhassem em equipe! Então, eles perceberam que estavam seguros!

Uma jornada em outra dimensão

Estudante: Maria Luísa Medeiros Polido Lopes
1º Lugar do Colégio Santo Agostinho - Unidade Nova Lima

Categoria 01

6º ano - Ensino Fundamental

Era um dia de tempestade. Ali, em um prédio de uma cidade chamada Santa Convivência, três vizinhos subiam o elevador para chegarem até seus apartamentos. Cada um deles ficou quieto, pois eles não se conheciam e eram novos no local.

Quando o elevador estava prestes a parar no andar destinado ao apartamento de Cristiano, que era um desses vizinhos, um raio atingiu o gerador de luz do prédio e, de repente, tudo ficou escuro. Passado algum tempo, as luzes retornaram e se acenderam. Porém, quando a porta do elevador se abriu, os vizinhos não se viam mais no prédio de apartamentos, mas, sim, diante de um mundo desconhecido, com um extenso gramado rosa, cogumelos coloridos, plantas e animais exóticos, jamais vistos no planeta Terra! Então, eles se deram conta de que estavam em outra dimensão.

A única mulher do grupo, que se chamava Alice e era bióloga, convenceu os companheiros a saírem para explorar. Benjamin, que era o mais calmo, aceitou facilmente, porém Cristiano demorou para concordar, pois afirmava que era perigoso e que estava com fome – esse homem era bem “do contra”. Mas, no fim das contas, todos foram para o desconhecido.

Quando Alice estava no meio de uma inspeção de certa planta, Benjamin chegou correndo avisando que uma “criatura” havia capturado Cristiano e vinha na direção deles. O homem disse que o elevador usado para entrarem naquele mundo estava ali na frente e que os dois poderiam tentar retornar ao prédio, porém Alice disse a ele que teriam que salvar Cristiano, pois, mesmo achando que ele era chato e arrogante, teriam de suportar suas diferenças para conviverem bem no prédio.

Bem, nesse exato momento, eles enxergaram o monstro: ele era alto e com orelhas de gato. Cristiano gritou “socorro” e o bicho pareceu ouvir. Ele parou e atirou o homem no elevador. Os seus companheiros foram atrás, apertaram os botões dos seus andares e chegaram seguros.

Vizinhos em outra dimensão

Estudante: Diego Montes Dias

2º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Categoria 01

6º ano - Ensino Fundamental

Existiam três vizinhos que moravam no mesmo prédio, mas não se conheciam. Um dia, ao entrarem no elevador e escolherem o andar de suas respectivas casas, um raio caiu diretamente no local. Quando abriram a porta, perceberam que estavam em outra dimensão, com animais estranhos e árvores gigantes. Entre eles, havia uma bióloga, que, ao ver aquele novo mundo, sentiu-se animada para explorar o local e instigou os vizinhos para irem juntos.

Enquanto exploravam, depararam-se com uma planta exótica, e o empresário queria comê-la, pois estava com fome. A bióloga disse que aquela planta não era comestível e os dois começaram a discutir. A psicóloga, a terceira do grupo, disse que discutir não era a melhor opção, e sim achar uma saída daquela dimensão. Os dois concordaram e fizeram as pazes. O empresário disse que aquela planta deveria ter muita energia e que também sabia usar eletricidade, explicando que aquela energia era o suficiente para consertar o elevador. As duas concordaram com a ideia e trabalharam em grupo para consertar a máquina.

Estavam finalizando o trabalho quando apareceu um animal gigante, que era assustador. Nesse momento, a bióloga disse para, rapidamente, terminarem de consertar o elevador, que ela iria tentar distrair o animal. Pegou seu jaleco e imitou o famoso esporte de driblar o touro.

Os dois terminaram de consertar o elevador e chamaram a bióloga gritando. Ela correu enquanto o animal estava indo atrás dela. Correu com todas as suas forças, entrou no elevador junto com o empresário e com a psicóloga e apertou rapidamente o botão de subir. As portas fecharam e tudo ficou escuro.

Após algum tempo, as portas se abriram e eles se depararam com o prédio onde viviam e de onde tinham começado toda essa aventura. Depois disso, eles se tornaram bons amigos e jamais esqueceram essa experiência.

Os três vizinhos

Estudante: Catarina Sampaio Cardoso
3º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Nova Lima

Categoria 01
6º ano - Ensino Fundamental

Em uma noite chuvosa, três vizinhos que não se conheciam, Marta, Carla e João, entraram no elevador para irem aos seus apartamentos. Após apertarem o botão de seus andares, um raio caiu, apagando a luz.

Quando a luz voltou e a porta do elevador abriu, eles perceberam que estavam em outra dimensão, e Marta, que era bióloga, implorou para que os vizinhos fossem estudar aquele lugar com ela. Então eles concordaram. O ambiente tinha uma ótima aparência: o céu era rosa, o lugar era plano, a flora era de cores vivas e diversas e havia vários cipós no chão, mas, pouco tempo depois, eles caíram em um buraco muito profundo.

Carla ficou desesperada por estar presa em um buraco com desconhecidos, e Marta, entristecida por não poder explorar o novo mundo. Mas João percebeu que teriam que trabalhar juntos para voltarem à dimensão deles.

Então Carla teve uma ideia: João pegaria os saltos que elas estavam calçando e os usaria para escalar para fora do buraco, pois ele tinha um ótimo porte físico, mas eles não sabiam como ela e Marta sairiam do buraco. Por isso, a bióloga completou a ideia, dizendo que o cipó mais próximo do buraco aguentaria o peso das duas e elas poderiam usá-lo para sair.

Tudo ocorreu como o esperado, os três vizinhos haviam saído do buraco, porém ainda estavam presos naquela dimensão. Marta viu uma flor muito bonita por perto e resolveu pegá-la. De onde a flor estava, saiu uma voz, que disse que realizaria um desejo deles, mas teriam que realizar o mesmo pedido e Marta teria que devolver a flor.

Rapidamente, ela devolveu a flor e os três desejaram voltar para casa. Então eles adormeceram e, quando acordaram, estavam em suas camas, mas nunca deixaram de ser amigos, mesmo sem saber se aquilo tinha sido um sonho ou não.

De volta à realidade

Estudante: Gabriela Mello Queiroz

4º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Gutierrez

Categoria 01

6º ano - Ensino Fundamental

Em um dia de tempestade, três jovens que não se conheciam embarcaram no elevador para chegarem a seus respectivos andares. Porém, em meio à tempestade forte, um raio caiu no prédio, o que fez a energia acabar e os moradores ficarem presos. Depois de um tempo, a luz voltou, e a porta do elevador se abriu, mas estavam em outra dimensão. Curiosa com a fauna e a flora exóticas que estava vendo, a bióloga do grupo foi a primeira a sair para explorar e, logo depois, os outros dois jovens foram também.

A garota estava encantada com a natureza local, observando tudo o que via pela frente. O resto do grupo ia logo atrás, curioso com o ambiente, até que uma das meninas encontrou um pedaço de papel em meio a um arbusto. A bióloga correu para ver o que era, e eles descobriram que era um mapa, que os levaria de volta à realidade. Empolgados, eles seguiram com as investigações e chegaram até um castelo abandonado.

Assim que entraram no local, a porta se trancou. O grupo começou a explorar o ambiente, quando, de repente, uma voz disse a eles: "Vocês terão que provar que são competentes, passando por provas, para retornarem ao mundo real". Amedrontados, os jovens entraram em uma sala, onde havia uma ponte e um lago cheio de sapos coloridos, o que atraiu a atenção de uma das garotas do grupo, que foi logo fazer carinho neles. Mas, antes que ela pudesse tocá-los, a bióloga deu um grito e empurrou a menina, salvando sua vida, pois os sapos eram venenosos.

Os vizinhos atravessaram a ponte com cautela e se encontraram em uma sala cheia de riquezas. O garoto do grupo foi, imediatamente, pegar algumas moedas, mas a jovem o repreendeu, dizendo: "Isso é uma armadilha, não toque em nada!". Atravessando a porta da sala, havia um lugar escuro e frio.

Nesse momento, eles escutaram novamente a voz, que disse: "Como vocês trabalharam em equipe e se ajudaram, mesmo não sendo amigos, vocês são dignos de retornarem para casa". No mesmo instante, as luzes se acenderam, e eles estavam no elevador do prédio, espantados com o que havia acontecido.

O mundo perdido

Estudante: Joana Almeida Nazareth

5º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Categoria 01

6º ano - Ensino Fundamental

Três vizinhos que não se conheciam, mesmo morando no mesmo prédio, entraram no elevador durante uma tempestade para irem até os seus apartamentos. De repente, a energia acabou e a luz se apagou. Depois de um tempo, tudo voltou a ficar claro e a porta do elevador se abriu. Os moradores olharam para frente e se depararam com um mundo completamente paralelo.

Os três vizinhos, Laura, Lorenzo e Renato, tentaram se acalmar e começaram a pensar em um jeito de sair daquele lugar o mais rápido possível. A primeira coisa que eles fizeram foi tentar interagir entre si, se conhecer melhor e, depois do início da conversa, num piscar de olhos, passaram-se duas horas. Quando os moradores se deram conta disso, começaram a andar em uma pequena trilha que havia naquele lugar, com muitas árvores.

No meio daquela trilha sem fim, havia um lago com águas cristalinas e calmas em que os vizinhos decidiram descansar. De repente, saiu da água um enorme crocodilo, pronto para devorar os vizinhos com uma só bocada. Ao verem o animal, os três começaram a correr rapidamente. Laura avistou um galho bem alto e se segurou nele. Quando Renato e Lorenzo passaram pela árvore, Laura os puxou para cima do galho onde ela estava, e o crocodilo, vendo que não conseguia subir onde se encontravam, foi embora.

Enquanto recuperavam o fôlego, os moradores do prédio avistaram uma luz no topo da árvore e, quando se aproximaram para ver do que se tratava, foram sugados por essa luz. Os vizinhos chegaram a um lugar que não reconheceram e, por conta da tontura, acabaram desmaiando. Ao acordarem, viram que essa luz havia os levado de volta ao elevador e, quando a porta se abriu, os três deram de cara com o andar onde estavam seus apartamentos.

A outra dimensão

Estudante: Laila de Moura Gomes

6º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Categoria 01

6º ano - Ensino Fundamental

Era um dia chuvoso, quando três vizinhos, uma menina e dois meninos que não se conheciam, estavam voltando do trabalho. A jovem era uma bióloga, e os dois jovens eram advogados. Eles entraram no elevador para irem a seus andares.

O elevador estava subindo, mas nada de chegar, até que um raio caiu bem em cima do prédio, que tremeu enquanto as luzes começavam a piscar. A mulher gritava, mas ninguém a ajudava. Quando tudo voltou ao normal e a porta se abriu, eles se viram em um lugar diferente, uma outra dimensão.

Havia flores que nunca ninguém tinha visto, e a jovem ficou encantada com tudo aquilo. Um dos homens, sem saber o que fazer, ficou parado, olhando para aquele lugar diferente. Eles começaram a andar para tentar achar uma saída, mas não havia. Então decidiram explorar o local, caminharam um bom tempo, até que avistaram uma casa no alto de um morro infestado de abelhas.

Tentaram subir o morro e se ajudaram mesmo não se conhecendo, por isso, ficaram um pouco amigos, mas ainda levaram algumas picadas. A casa que estava no alto do morro era muito grande, eles tocaram a campainha e uma bela fada os recebeu. Os jovens pediram ajuda e a fada disse que, se eles trabalhassem juntos para ela por três dias, ela os levaria de volta para casa.

Eles trabalharam para a fada por esse período e, juntos, se conheceram melhor e ficaram ainda mais amigos. No último dia, quando foram dormir, a fada se despediu deles e, quando acordaram, estavam no elevador juntos. Eles se olharam e riram, saíram e foram para seus apartamentos, felizes pela nova amizade.

O mistério da Floresta “Encantada”

Estudante: Camila Maciel Ruela

7º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Nova Lima

Categoria 01

6º ano - Ensino Fundamental

Era uma noite chuvosa e cheia de raios. Por acaso três adultos se encontraram no elevador para voltar às suas casas. Havia uma mulher chamada Marta, uma bióloga muito inteligente; um homem, que era professor de educação física e muito forte; e uma outra mulher, linda e formada em engenharia. Os três não se conheciam; apesar de serem do mesmo prédio, nunca tinham se visto.

Quando foram apertar o botão para o elevador fechar, caiu um raio que deixou o prédio todo sem energia. Os três ficaram muito assustados e começaram a ver uma luz roxa, até que olharam para cima e viram um buraco, com um lugar dentro dele que eles nunca tinham visto. Marta já foi logo entrando e chamou os outros para irem junto com ela, então eles foram.

Logo na entrada, ficaram impressionados com o lugar. Ele era muito bonito, com cores alegres, céu roxo, flores neon, árvores brilhantes e terra cintilante, era lindo! Foram caminhando, apreciando os detalhes, até que anoiteceu e eles foram dormir em uma barraca. Conversaram sobre suas vidas, mas nenhum gostou um do outro, não se deram nada bem. Eles eram totalmente diferentes, então não concordavam em nada e começaram a discutir, tendo ido dormir brigados.

No dia seguinte, acordaram e foram explorar o lugar para tentarem sair de lá. Até que chegaram a um rio movimentado, feio e com animais perigosos, mas precisavam passar ali. Cada um pensou em um plano, mas nada. Então resolveram deixar suas diferenças de lado e juntar seus conhecimentos e, com isso, conseguiram criar um plano. Marta distraía os animais e procurava plantas fortes para ajudar Helena a construir uma ponte e, com os animais distraídos, Eric dava seus golpes de karatê.

O plano funcionou e eles conseguiram passar pelo rio. No final, encontraram a saída que dava direto ao elevador. Todos voltaram para casa muito bem, até viraram melhores amigos!

O poder da empatia

Estudante: Isabela Greco Bandeira
8º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Gutierrez

Categoria 01

6º ano - Ensino Fundamental

Era um dia chuvoso e Renata estava saindo de seu trabalho. Chegou a seu prédio e foi até o elevador para ir até o seu andar. Nele, também estavam Lucas e Pedro. Ninguém sequer se conhecia. Quando Renata apertou o botão do seu andar, um raio caiu e a luz apagou. Nesse momento, todos ficaram desesperados, mas a energia voltou após uns segundos. Lucas observou que eles não estavam mais dentro do prédio, e sim em uma outra dimensão. Renata era uma bióloga que adorava a natureza e, curiosa, resolveu explorar o lugar. Ela convidou os vizinhos a irem com ela. Eles aceitaram.

Pedro, Lucas e Renata, após explorarem o ambiente, encontraram uma carta, e nela havia escrito que eles só seriam libertados quando encontrassem o poder da empatia. Não havia pistas de nada. Na carta, só tinha essa informação, o que dificultou a jornada dos jovens.

Pedro sugeriu que eles fizessem algo relacionado à empatia. O grupo concordou. Eles só não sabiam o que fazer, até que, de repente, Lucas escorregou no penhasco onde eles estavam e seu único apoio foi um tronco de árvore fino que estava prestes a arrebentar.

Renata achou um cipó e, de acordo com suas sabedorias de bióloga, verificou se ele era forte e seguro. Amarrou-o no braço de Lucas, enquanto ela e Pedro puxavam. Eles conseguiram tirar o garoto de lá e, imediatamente, foram libertados da dimensão, graças ao poder da empatia.

A grande aventura da dimensão nova

Estudante: Júlia Gonçalves de Melo Horta
9º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Contagem

Categoria 01

6º ano - Ensino Fundamental

Estava havendo uma tempestade, e três vizinhos que moravam no mesmo prédio, mas não se conheciam apertaram o botão do elevador para irem para seus apartamentos. Quando eles menos esperavam, um raio atingiu o elevador com muita velocidade e, quando a energia voltou, os vizinhos encontraram um portal que levava para uma dimensão nova e decidiram entrar nele. A mulher do grupo, que era bióloga, ficou encantada com a beleza do lugar e quis explorá-lo.

Eles foram olhando e perceberam que o local era muito bonito e tinha muita natureza, mas o lugar tinha algumas desvantagens, por exemplo, toda vez que anoitecia naquela dimensão, ocorria uma tempestade. A bióloga estava adorando ficar ali, mas os outros dois vizinhos não estavam gostando.

Como esse grupo não se conhecia muito bem, eles não estavam se falando. Aquela dimensão também era traiçoeira: o chão era feito de blocos e, se eles pisassem em um bloco errado, eles cairiam e ficariam lá para sempre. O grupo percebeu que eles não iriam conseguir enfrentar esses desafios sozinhos e decidiram se unir. Cada vez que alguém pisava em um bloco errado, o grupo se ajudava, segurando esse integrante. Eles se tornaram grandes amigos.

Até que, um dia, a bióloga fez um estudo e descobriu que o mesmo raio que tinha atingido o elevador ia atingir aquela dimensão. Então, à noite o raio atingiu a dimensão, e todos pularam juntos nele e conseguiram escapar de lá. Eles ficaram muito felizes!

CATEGORIA 2

7º E 8º ANO

CONTO DE AVENTURA

Neste capítulo, duas aventuras tomaram forma. Os alunos foram desafiados a produzir contos de aventura, cada ano seguindo uma proposta distinta.

Para o 7º ano, solicitou-se uma narrativa em que um rapaz, imbuído de preconceitos a respeito de uma famosa pesquisadora que o acompanhava em uma expedição, viu-se obrigado a trabalhar com a companheira de equipe para superar uma inesperada dificuldade.

Um jovem estudante de arqueologia é convidado por sua faculdade a participar de uma expedição a sítios arqueológicos na região de Lagoa Santa. A orientadora dos estudos é a professora Agnes Novaes, famosa doutora no ramo de pesquisas arqueológicas. O rapaz tinha ouvido falar muitas coisas ruins da professora Agnes. Ele aceitou o convite por ser um momento único em sua formação, mas foi contrariado por não poder escolher sua orientadora. O convívio diário mostra que aqueles conceitos negativos não eram verdadeiros e que o estudante estava equivocado. Durante uma escavação envolvendo apenas a experiente dra. Novaes e o jovem estudante, uma situação de perigo evidencia essas diferenças e prova que a convivência pode mudar conceitos e opiniões preexistentes. Nasce, assim, uma grande amizade.

Nos textos selecionados, os estudantes foram capazes de contar, brevemente, como o jovem foi convidado para a expedição; qual foi sua reação quando soube que a orientação seria da Professora Agnes Novaes; como se deram as situações que o fizeram reconhecê-la como uma mulher diferente daquela de quem ele ouvia falar e o que houve para que ambos tivessem uma relação fortalecida.

Para o 8º ano, dois amigos se viram retidos, por uma quinzena, em uma tribo cuja cultura destoava bastante daquela com a qual estavam acostumados.

Ao saberem de uma tribo perdida no sertão da Bahia, em que as lideranças eram de maioria mulheres — uma cacica, um pajé e uma guerreira —, dois jovens amigos, estudantes de sociologia, tiveram a ideia de ir ao campo descobrir como era formada aquela estrutura. Chegando à tribo, seu meio de transporte apresentou problemas, e eles foram obrigados a passar quinze dias aguardando o conserto. Um convívio forçado, unindo duas culturas totalmente opostas.

Os contos de aventura selecionados apresentaram o que foi vivenciado pelos jovens e pelas personalidades da tribo a partir da situação retratada. Além disso, demonstraram o conflito na convivência e os aprendizados transmitidos pelas indígenas.

Os estudantes puderam, portanto, demonstrar seu domínio sobre os elementos da narrativa sem precisar sair da esfera do mundo real para construir um enredo emocionante.

Entre cultos e crenças

Estudante: Maria Eduarda Barroso Guimarães
1º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Nova Lima

Categoria 02
8º ano - Ensino Fundamental

O clima era seco e árido e o lugar ainda era lindo. O sol batia por entre as folhas amarelas, iluminando o espaço onde ficavam as cabanas. O jipe dos dois estudantes de sociologia quebrara sete dias antes, alguns quilômetros ao norte da aldeia, fazendo com que tivessem que caminhar. Já haviam planejado ficar por uma noite, mas o conserto do carro os atrasou muito, fazendo com que ficassem por mais tempo.

Durante os dias que ficaram ali, Daniel e Felipe dormiram em esteiras de palha trançada (o que os incomodou no início) e ajudaram no funcionamento da tribo, carregando itens e cozinhando. A seca era um período difícil lá, então eles racionavam água e comida. As divisões eram baseadas na equidade, e não na igualdade, e eram realizadas pela cacica. Era algo com o que tiveram que se habituar, afinal, haviam ido até lá para estudar uma comunidade baseada no matriarcado e ver apenas mulheres no comando não deveria ser espantoso. Lá, elas eram encarregadas da divisão de bens e eram a principal fonte de sustento da aldeia, além de que a transmissão de cargos políticos e religiosos era realizada por esse gênero.

Enquanto trabalhavam, fizeram diversas pesquisas, até chegaram a visitar a pajé, uma senhora doce de pele morena e cabelos brancos. Felipe ficava um pouco constrangido, pois era incrivelmente católico e a adoração daquelas pessoas a diversas deusas mulheres o espantava.

No oitavo dia, a cacica, uma mulher jovial e paciente, pediu que eles auxiliassem Nia, uma das guerreiras da tribo, a organizar o culto. Enquanto tentavam realizar a tarefa, uma cobra saiu por entre os cestos e avançou na direção deles. Daniel recuou e Felipe pegou uma pedra para atirar no animal, mas foi impedido pela jovem, que pegou o bicho com as mãos e o jogou no mato, afinal, eles quase contaminaram um lugar sagrado. Nia colocou as mãos na cintura e começou a falar que, mesmo que suas crenças fossem diferentes, não havia motivo para eles tratarem sua cultura com tanta ignorância. Mais tarde, conversaram sobre o ocorrido e os meninos se desculparam de terem perdido a paciência. A reunião religiosa ocorreu bem, apesar do conflito.

Quando saíram, depois de quinze dias, além da pesquisa impecável, levaram consigo algo no coração. Nunca poderiam se igualar aos indígenas, até suas aparências eram diferentes, pois eram morenos de olhos verdes. Porém, todos eram humanos e nenhuma crença ou etnia poderiam ser tratadas como irrelevantes, não importa o quão diferentes sejam das deles.

A escavação na qual não foram encontrados fósseis, e sim uma amizade

Estudante: Sofia Vilas Boas Falcone Perruci
2º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Nova Lima

Categoria 02

7º ano - Ensino Fundamental

Era uma tarde de sexta-feira quando Miguel, um estudante de Arqueologia, recebeu um e-mail da universidade em que estudava. Tratava-se de um convite para uma expedição única em Lagoa Santa. O belo-horizontino ficou muito feliz com a notícia, mas, ao ver que sua mentora seria Agnes Novaes, uma professora muito malfalada por todos, ele se desanimou um pouco.

Miguel chegou à frente dos portões do sítio arqueológico em que seria realizada a escavação às 8:30 do sábado. Logo ele viu a mulher alta, grisalha, de olhos azuis e óculos redondos, Agnes, que fazia sua mentoria. Ele se aproximou e a cumprimentou com os olhos embaçados, devido ao preconceito, que o impediram de ver o quão gentil ela foi em recebê-lo. O jovem e a professora arrumaram suas coisas e colocaram tudo, para maior praticidade, em uma só mochila, a que Novaes levaria.

Os dois arqueólogos saíram em direção à trilha e chegariam à caverna da escavação às 9:30. Era um percurso estreito, iluminado pelo forte sol e decorado com lindas flores. A mentora estava tentando pegar intimidade com o rapaz, e eles conversaram o caminho todo sobre diversos assuntos, até que, no meio da trilha, apareceu uma bifurcação. Agnes tinha mapas, rádios e telefones em sua mochila, porém as garrafas de água vazaram e causaram uma bagunça. Os papéis ficaram ilegíveis e os aparelhos estragaram.

O menino moreno, de olhos e cabelos castanhos, entrou em desespero, mas a professora, tranquilamente, fez exercícios de respiração com ele para acalmá-lo e perguntou qual caminho queria seguir. Na intuição, eles seguiram à direita, pelo trajeto menos denso. Andaram por mais duas horas e estranharam a demora excessiva, mas continuaram caminhando. Quando se depararam com uma velha cabana de madeira podre, ficaram intrigados. Sabiam que tinham errado o caminho, mas resolveram se aproximar da construção. Miguel abriu a porta, que fez um alto ruído de engrenagens enferrujadas e podres, e, junto a ele, um rugido feroz e ameaçador de uma onça soou entre as árvores da trilha. Novaes soltou um grito e, no mesmo instante, o estudante e ela correram em disparada para o mais longe possível. O felino os perseguia, e só tiveram alguma chance contra aquela fera porque ela teve dificuldade para sair da cabana.

Agnes largou a mochila no caminho e, quando Miguel a questionou sobre isso, ela lhe ensinou lições sobre o valor dos bens materiais. Ela disse que uma vez leu uma frase de Valter Hugo Mãe, em que ele dizia que o preço é o lado corrompido do valor. A mentora não se importava se os objetos presentes na mochila eram caros, e sim com se salvar.

Eles voltaram à sede do sítio e contaram a todos o que ocorrera. Mesmo que a situação tivesse sido muito tensa, a professora puxou uma gostosa crise de riso que contagiou o rapaz. Ele logo percebeu que ela era superlegal e que estava equivocado em relação a ela. Os dois pegaram o número de telefone um do outro e iniciaram uma incrível história de amizade. E, mais do que nunca, Miguel soube que conviver é o melhor caminho para a construção de redes.

Consciência ética: um caminho para ajudar o próximo

Estudante: Marcela Godinho Schwaner
3º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Gutierrez

Categoria 02

7º ano - Ensino Fundamental

Em uma sexta-feira chuvosa, João estava em sua faculdade, localizada em Belo Horizonte, assistindo à sua aula de arqueologia, quando, de repente, foi chamado pela professora Agnes Novaes, que também dava aulas do mesmo assunto, para uma conversa. O menino, então, surpreso com a convocação, saiu da sua sala e foi ao encontro da mulher. Agnes disse para ele que estava querendo fazer uma expedição a um sítio arqueológico, em Lagoa Santa, e que gostaria de chamar um estudante para ter uma oportunidade de, junto dela, aprofundar os seus estudos. Ela também lhe contou que tinha sido o professor de João quem havia sugerido levar o garoto e, por isso, queria saber se ele gostaria de ir.

João a vida inteira sonhava em ter uma oportunidade como essa, mas havia um problema: ele tinha escutado muitos comentários ruins sobre Agnes e, de acordo com a própria professora, ela seria sua orientadora, o que o fez se questionar se deveria ir. Apesar de acreditar que sua acompanhante era uma pessoa chata, aceitou o convite. Agnes ficou entusiasmada com a resposta de João e lhe falou que iriam sair no sábado de manhã cedo, no carro da professora.

No dia marcado, os dois saíram no horário combinado e, por volta de uma hora, chegaram ao sítio arqueológico. Assim que estacionaram o veículo que os trouxe, começaram a estudar o local e a fazer algumas escavações que a orientadora achou importantes. Os dois trabalharam lado a lado e, algumas vezes, "trocaram uma ideia". João estava percebendo que tinha se equivocado em relação à professora, que, na verdade, era muito simpática. Foi quando ele acabou caindo no fundo do buraco que havia escavado. Ele ficou com muito medo, mas a professora, rapidamente, jogou uma corda, a qual João pegou e, com dificuldade, escalou de volta à superfície.

As horas se passaram, o aluno e a professora acabaram se tornando grandes amigos. Nesse momento, o menino se lembrou de uma frase que Santo Agostinho dizia: "Nada estará perdido enquanto estivermos em busca". Ele percebeu que, por mais complicada que seja uma convivência, se nos esforçarmos, podemos fazê-la dar certo. Ele aprendeu que nunca mais deveria julgar alguém sem conhecer e refletiu que havia vivido uma aventura, a aventura da convivência.

Ele, quando voltou à faculdade, contou aos colegas como tinha achado Agnes legal e os convenceu a dar uma chance para ela. Mais tarde, a professora também virou amiga deles e até os ajudou a conviver com outros que não conseguiam se aproximar, criando uma grande rede para ajudar o próximo.

A expedição inesquecível

Estudante: Alice Pahlke Alencar e Silva
4º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Categoria 02

7º ano - Ensino Fundamental

Tudo aconteceu em outubro de 2023. João Lucas, um jovem estudante de arqueologia, ao ganhar um concurso de sua faculdade, foi convidado a realizar uma expedição a sítios arqueológicos na região de Lagoa Santa. Entretanto, o universitário estava aflito, pois soube que sua orientadora seria Agnes Novaes. A dra. Novaes não era conhecida por ser uma pessoa boa, e João ouviu vários comentários negativos sobre ela. Porém, essa seria uma grande realização na carreira do futuro arqueólogo, então ele aceitou a missão.

No dia doze de outubro, João Lucas e sua equipe viajaram até a região de Lagoa Santa. Ao mesmo tempo que animado, o jovem estava nervoso com a presença de sua professora que, ao perceber isso, confortou-o dizendo que iria dar tudo certo. Isso o surpreendeu, pois imaginou que Agnes não seria atenciosa. Quando chegaram ao local, todos os membros do grupo começaram a trabalhar no projeto, e sua orientadora o chamou em um canto para lhe mostrar algumas peças de arte rupestre já reconstituídas. Os dois, deslumbrados, passaram a madrugada inteira trabalhando em suas pesquisas, explorando os locais e adquirindo conhecimento.

Ao amanhecer, o estudante e sua professora estavam saindo do sítio arqueológico quando, de repente, uma cobra venenosa picou a canela de João Lucas. Não havia ninguém em volta, além da experiente Agnes, então tudo iria depender dela. Assim, rapidamente, ela começou a chupar o máximo de veneno possível da perna do universitário e ligou para o hospital. Graças à professora, a ambulância chegou em poucos minutos, socorrendo o jovem e o salvando.

A partir daquele dia, surgiu uma nova amizade. João mudou sua visão sobre Agnes, e os dois se tornaram grandes amigos.

Quinze dias de matriarcado

Estudante: Giovanna Ferreira Paludo

5º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Contagem

Categoria 02

8º ano - Ensino Fundamental

Em uma tarde, no meio de julho, dois estudantes de sociologia, Pedro e José, chegavam à tão esperada tribo. Com planejamento e cuidado, levaram apenas o necessário, já que só iriam passar uma noite ali. Ao chegarem, foram recebidos pela Giná, a pajé. Ela era uma senhora idosa que os recebeu com bastante amargura. Giná vestia roupas vermelhas e alaranjadas, além de levar um grande cocar na cabeça. Ao entrarem na tribo, perceberam que a maioria das mulheres usavam roupas com pouco tecido devido ao clima de sertão. Elas se caracterizavam com tintas na pele e penas amarradas nos punhos e calcanhares, assemelhando-se muito às roupas de Giná, entretanto algumas possuíam roupas azuladas em vez de alaranjadas.

Ao cair da tarde, os rapazes descobriram uma falha no motor do automóvel e, por sorte, as mulheres da tribo tinham grande conhecimento de mecânica e fizeram uma proposta aos garotos. Elas ajudariam apenas se eles participassem do festival do Boi Garantido e do Boi Caprichoso, que eram festas anuais da região. Portanto, sem escolha, os garotos aceitaram a proposta. Pedro foi para o Boi Caprichoso e José para o Boi Garantido e começaram a ensaiar as coreografias e a apresentação.

Os dias se passavam e a tensão só aumentava na tribo, afinal, os meninos seriam a grande atração do festival e seriam julgados e avaliados pelas mulheres da tribo, a cacica, a pajé e a grande guerreira. O grande dia do festival chegou, Pedro usava azul e José trajava vermelho. "Que comece a dança!", as mulheres gritavam e aplaudiam, cada segundo era precioso. As três juízas, em cima da montanha, decidiam-se. E, no fim, a vitória era do Boi Caprichoso! Pedro se dedicou imensamente à apresentação.

Durante o processo de aprendizagem, Pedro e José tiveram a experiência de ver as mulheres comandando uma sociedade inteira sem ajuda alguma, com organização e responsabilidade. Dessa forma, o trato com as indígenas foi cumprido: o carro foi consertado e eles se despediram de uma história e de uma cultura que jamais serão esquecidas.

A convivência que muda opiniões

Estudante: Pedro Hermeto di Lorenzo Rabelo
6º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Categoria 02

7º ano - Ensino Fundamental

Certo dia, um jovem estudante de arqueologia, chamado João, estava realizando atividades sobre fontes históricas em sua faculdade, quando seu professor, Carlos, percebeu que o garoto era obcecado pelo estudo e descobrimento dessas fontes. Vendo isso, ele logo se lembrou de que havia sido convidado para uma expedição a sítios arqueológicos, em Lagoa Santa, e fez questão de levar João com ele.

No dia seguinte, o aluno foi convidado e, sem pensar muito, aceitou. Porém, quando seu professor foi falar da orientadora, Agnes, ele logo se lembrou de tudo que já tinham lhe falado sobre ela e que não eram coisas nada boas, o que o desanimou um pouco. Mas o estudante continuou querendo ir, já que aquele era um momento importante para sua carreira.

Então, João e Carlos entraram em um carro e partiram rumo a Lagoa Santa. Chegando lá, eles foram direto se encontrar com Agnes, em um acampamento, onde foram super bem recebidos e conversaram por muito tempo com ela, que se mostrou ser muito divertida e inteligente. Durante o diálogo, a orientadora convidou o jovem aluno para, juntos, estudarem uma mina repleta de fósseis ao amanhecer, e ele concordou bem animado. Quando acordaram, foram direto caminhar até o sítio e, ao chegarem lá, foram logo adentrando no subterrâneo local. Porém, enquanto eles buscavam por pistas, começaram a ouvir barulhos, como de objetos caindo, e, quando foram ver, tratava-se de um desabamento, que os fez correr muito até a saída. Durante a fuga, João escorregou e ficou preso em uma vala presente no chão. Desesperada, Agnes foi socorrê-lo e conseguiu tirá-lo de lá para eles continuarem correndo até escaparem em segurança do local, que ficou em pedaços.

Depois dessa bagunça toda, João refletiu sobre o que pensava da professora e percebeu que devia a vida a ela. Essa experiência os tornou muito amigos e, agora, João sabe a importância de conhecer as pessoas antes de julgá-las e de não dar ouvidos a boatos falsos.

Entre laços e ensinamentos

Estudante: Beatriz Maia Papini

7º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Categoria 02

8º ano - Ensino Fundamental

Eram humildes jovens estudantes de sociologia, um era Marcos, o mais velho, de cabelos longos e com uma pequena mecha esbranquiçada e certo olhar sério. O outro era Lucas, um pequeno explorador com um belo sorriso que adornava sua face branca. Os dois eram ambiciosos e portadores de vasto conhecimento e, após uma pesquisa, mostraram-se bastante curiosos por uma simples tribo baiana e, a fim de se aprofundar no assunto, decidiram se mover e descobrir a curiosa estrutura que formava essa sociedade composta por diversas lideranças femininas.

Ao decorrer da viagem, o carro em que estavam apresentou problemas e, ao chegarem ao seu destino, perceberam que não poderiam mais voltar, ou seja, ficariam presos ali por cerca de quinze dias. Para eles, isso não era um problema, foi o que inicialmente pensaram.

Um cenário curioso, que nunca tinham visto antes. A mata, do verde mais brilhante, destacava-se juntamente com a fauna, de grande diversidade. Quando adentraram a tribo, uma flecha os recepcionou. O susto foi grande, mas ficaram bem. A guerreira, não muito experiente e certamente jovem, com olhar astuto, percebeu rapidamente que eram diferentes, pois não tinham má intenção e, então, chamou a cacica. De atitude serena e aparência bela, a governanta veio em um instante. Desesperados, Marcos e Lucas explicaram, por meio de gestos simples, mas compreensíveis, o ocorrido. A cultura e seus estilos de vida eram assimétricos, e um dos maiores problemas eram suas línguas nativas totalmente diferentes. Em meio à tensão, ficaram curiosos e, em um ato de solidariedade, elas permitiram que eles se estabelecessem ali.

Um tempo se passou, exploraram lugares, experimentaram todo tipo de alimentos que nunca viram, fizeram ótimos amigos e relataram coisas incríveis. Por mais que não se conhecessem antes ou falassem o mesmo idioma, o laço criado durante esses quinze dias não poderia ser mais forte do que qualquer outro existente. Infelizmente, o dia da partida chegou. Conseguiram, nesse meio tempo, um conserto para o veículo e partiram. Para ambos os lados, foi difícil, mas necessário. Tudo o que partilharam em apenas duas rápidas semanas foi da mais alta importância. Sua cultura, seus modos e seus ensinamentos nunca foram esquecidos. Pode-se afirmar que, definitivamente, foi uma experiência memorável para todos.

Quinze dias com uma nova cultura

Estudante: Estela Chaves de Paula

8º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Categoria 02

8º ano - Ensino Fundamental

Era tarde da noite quando João e Pedro, estudantes de sociologia, chegaram a uma tribo perdida no sertão da Bahia. Ambos desceram do meio de transporte utilizado com frio, tentando enxergar a tribo escondida na escuridão. Eles realizaram tal viagem para aprender sobre a estrutura daquela comunidade. De repente, ouviu-se um barulho e uma fumaça começou a sair do ônibus. O motorista, Lucas, que também tinha experiência como mecânico, correu em direção ao local onde ocorria o problema e disse que o motor havia quebrado e que demoraria quinze dias para consertar. Os jovens amigos ficaram preocupados, uma vez que o planejamento era passar apenas três dias no local e não tinham levado nenhum aparelho eletrônico. Apesar das dificuldades, os dois partiram em busca de abrigo.

A primeira pessoa a receber o grupo foi Soki, uma cacica, a qual os levou até a Pajé, Fupia. Esta ofereceu uma cabana aos visitantes e Lucas foi até lá, sem pensar duas vezes. O resto permaneceu com a autoridade, que os contou um pouco sobre seu povo. Aquela tribo adotava o sistema social do matriarcado, em que a mulher-mãe tem uma posição dominante na família e na comunidade. Além disso, Soki, Fupia e Lerin, uma guerreira da tribo, eram as únicas da sociedade que sabiam português para se comunicarem com os universitários.

Nos dias seguintes, João e Pedro aprenderam muito sobre a cultura do local, tendo a ajuda de suas novas amigas. Sempre as respeitando, os jovens ajudaram nas tarefas e obrigações, mas também tiveram lazer. Aprenderam a caçar com Lerin, que era forte e poderosa, além de várias outras coisas com Soki, que era gentil e exigente. Também tiveram seus momentos com Fupia, que era reservada e sábia. Os visitantes também apresentaram um pouco de sua própria cultura, trocando conhecimentos com o resto.

Ao final dos quinze dias, os amigos tiveram de se despedir. Depois de duas semanas no lugar, a saída foi difícil. No início, foi complicado para se adaptarem à nova cultura, considerando as diferentes vestimentas e os diferentes alimentos, no entanto, ao decorrer do tempo, ambos acharam interessantes os novos hábitos e uma organização social com a qual não estão acostumados no cotidiano. Sem saber se os jovens iriam voltar algum dia, todos disseram adeus e voltaram à sua rotina anterior, porém com novas amizades e lembranças inesquecíveis.

Choque de culturas

Estudante: Fábio Nardi Jamin

9º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Gutierrez

Categoria 02

8º ano - Ensino Fundamental

A Universidade Federal da Bahia, com apoio da prefeitura de Salvador, desenvolveu um projeto de intervenção cultural envolvendo dois estudantes de sociologia e uma tribo localizada no extremo norte do estado. A base do projeto era integrar uma cultura "clássica" da civilização ocidental com uma cultura baseada no matriarcado, em que as mulheres eram a base da sociedade, por meio do convívio.

Os estudantes pensaram que a visita duraria apenas dois dias e, logo, seriam buscados pelo ônibus fretado da universidade. Como já tinham conhecimento da visita, o contato inicial fora tranquilamente normalizado, tendo os indígenas colocado os estudantes como membros da tribo. Os jovens apreenderam a disciplina básica, os costumes e as práticas usuais dos membros do grupo.

Por mais que fosse localizada a centenas de quilômetros de distância das cidades mais próximas, a tribo possuía sua própria provedora de internet; e foi por meio dela que os jovens receberam a notícia de que o retorno a Salvador só ocorreria quinze dias depois do evento, devido a problemas com a fretagem do ônibus. Assustados, porém não desesperados, os jovens decidiram imergir totalmente na cultura, habitando alguns cômodos de uma residência pertencente a uma guerreira-mor da tribo, de nome Tikurança, que lhes ensinava a disciplina básica de uma guerreira da tribo, desde costumes a crenças.

Passados poucos dias, os jovens foram condecorados pela cacica e pela pajé como membros honorários da comunidade, sendo valorizados por todas as indígenas. Essa situação ocorrida pela tribo serviu como exemplo de vida para os universitários, que usaram o modo como foram recebidos por indígenas de uma cultura totalmente diferente como base de moralidade, ética e convivência pelo resto de suas vidas.

Problemas em Lagoa Santa

Estudante: Letícia de Paula Pessoa

10º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Categoria 02

7º ano - Ensino Fundamental

Durante as férias de julho, o bonito, ruivo e forte Dante Rodrigues, um jovem estudante de arqueologia, foi chamado para acompanhar a loira, bonita e malfalada professora Agnes Novaes em uma expedição aos sítios arqueológicos de Lagoa Santa. De início, o rapaz ficou desapontado por não poder escolher sua orientadora, mas aceitou o convite.

Quando chegaram ao local onde iriam trabalhar, os dois resolveram entrar dentro de uma antiga gruta para explorá-la. O lugar era muito bonito, porém a dra. Novaes caiu em uma falha no solo da gruta. Dante ficou desesperado e correu até o lugar em que eles haviam deixado a mochila para pegar uma corda para tirar a professora do buraco.

Enquanto o garoto ajudava Agnes a escalar de volta para a terra firme, ele foi conversando com a moça e descobriu que eles tinham várias coisas em comum e que ela não era o que as outras pessoas diziam. Após alguns minutos, a professora conseguiu sair do buraco, e os dois voltaram ao lugar por onde haviam chegado.

Os dias se passaram, e chegou a hora de ir embora. Dante estava triste, pois as escavações tinham acabado, e ele teria que se despedir da dra. Novaes. No entanto, ele também estava contente, porque havia ganhado uma nova amiga.



CATEGORIA 3

9º ANO

ARTIGO DE OPINIÃO

Os estudantes do 9º ano, por sua vez, viram-se desafiados a se imaginarem como articulistas do jornal do Colégio Santo Agostinho convidados a escrever um artigo de opinião sobre o tema “Persistência materna na busca por uma convivência inclusiva para seus filhos com deficiência”.

Neste capítulo, o leitor é convidado a ler as produções dos alunos, que tiveram acesso, no momento da aplicação da prova, a uma coletânea de textos motivadores, que estabeleceram um recorte temático objetivando guiar os estudantes e inspirá-los.

Nos textos selecionados, os autores foram capazes de mobilizar seus conhecimentos de mundo e capacidades de argumentação. Não bastava, nesta categoria, mostrar-se apto a dissertar sobre um tema; era preciso construir um texto que apresentasse posicionamento e fundamentação, atingindo um fino equilíbrio entre a formalidade e a personalidade inerentes ao gênero artigo de opinião.

Assim, os alunos do 9º ano puderam iniciar a pavimentação do caminho que os levará, em pouco tempo, à produção de textos que saiam do senso comum e apresentem um nível mais sofisticado de argumentação e crítica.

Negligência com a maternidade e com a deficiência

Estudante: Davi dos Reis Santana

1º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Categoria 03

9º ano - Ensino Fundamental

Não é novidade para ninguém que, atualmente, no contexto brasileiro, crianças e adolescentes com deficiências são negligenciados e invisibilizados por conta de suas condições. Uma triste notícia, sem dúvida. Contudo, em meio a uma escuridão de preconceitos e estigmas, há uma luz para essas pessoas em desenvolvimento: suas mães, bravas mulheres que lutam pelos direitos e por uma convivência mais inclusiva para os seus pequenos. Portanto, dada a persistência delas, é mister que a sociedade se una para acolhê-las e acolher as suas crias, mirando em um bem maior.

Primeiramente, é preciso destacar que, evidentemente, essa atitude de persistir numa convivência mais inclusiva exercida pelas mães é extremamente necessária para a formação dos filhos. Isso porque o desenvolvimento deles, no profissional e pessoal, é algo que necessita, também, de uma convivência inclusiva, que os entenda como eles são. Ademais, essa situação é extremamente importante para que não somente os outros indivíduos do convívio, mas os próprios filhos entendam e aceitem que suas deficiências não são enfermidades ou problemas, são diferenças.

Além disso, a situação frequente sofrida pelos menores com deficiências, o abandono paterno, só reforça ainda mais a importância desse papel que essas mães fazem. Isso se deve ao fato de que, por não terem uma figura paterna, esses indivíduos ficam sob cuidado das suas mães, conseqüentemente, dificultando as condições financeiras, muitas vezes, fortalecidas pela ausência de pensões e de justiça dos pais. Ademais, a inexistência de um censo público que explicita essas dificuldades agrava mais a invisibilidade dessas pessoas.

Portanto, tendo em vista todas as dificuldades enfrentadas pelas mães com filhos que possuem deficiências e por eles mesmos, é urgente a união da sociedade, objetivando uma convivência totalmente inclusiva. Esse grupo infantil marginalizado também engloba seres humanos iguais a todos os outros, afinal. É dever do cidadão apoiá-los. É hora de agir, antes que a invisibilidade fuja do nosso controle.

Mães na luta pela inclusão

Estudante: Ana Paula Terra Fonseca

1º Lugar do Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Categoria 03

9º ano - Ensino Fundamental

Não só na sociedade brasileira como ao redor do mundo, as crianças com alguma espécie de deficiência, seja física ou mental, são, em muitos casos, abandonadas por sua parte paterna. No entanto, essas pessoas ficam, majoritariamente, sob o cuidado materno, que não apenas promove um desenvolvimento pessoal, como também uma autoaceitação dessas pessoas. Assim, é evidente que a persistência por parte das mães é essencial na busca por inclusão de seus filhos com deficiências.

A partir do cuidado materno persistente com as crianças com deficiência, notam-se efeitos positivos em relação ao sucesso desses indivíduos. Com essa postura, as mães promovem um grande desenvolvimento intelectual e social dessas pessoas. Ademais, essa figura materna influencia a autoaceitação desses filhos por meio dos atos de ensiná-los a entender suas especificidades e ajudá-los a avançar, mesmo com os desafios da vida. Então, pelo fato de a evolução de uma criança ocorrer, inicialmente, no núcleo familiar, essas mulheres são fundamentais para um bom convívio de seus filhos em sociedade.

Além disso, as figuras maternas, por, muitas vezes, criarem seus filhos sozinhas, não recebem auxílio algum. Isso ocorre pelo fato de que o abandono paterno é recorrente, e grande parte das mães não recebem pensão por parte dos pais das crianças, apenas possuem algum trabalho irregular ou auxílio governamental. Assim, é notória a existência dessa persistência materna na criação dessas pessoas.

Portanto, apesar de todos esses desafios, as mães de crianças com alguma deficiência permanecem na luta a favor da inclusão de seus filhos. Por isso, é necessário o desenvolvimento de políticas públicas que visem ao apoio e à conscientização em relação ao convívio inclusivo, criando uma sociedade mais justa e igual.

Vozes ignoradas de mães desamparadas

Estudante: Ana Sofia Silva Lima
1º Lugar do Colégio Santo Agostinho - Unidade Contagem

Categoria 03

9º ano - Ensino Fundamental

O estigma e o preconceito contra pessoas com deficiência (PCDs) – seja no aspecto físico, seja no aspecto psicossocial, emocional etc. – existem há muito tempo. Mesmo que a humanidade esteja lentamente caminhando para a quebra desse cenário, ainda são inúmeras as dificuldades que PCDs passam diariamente, e um problema relativamente ignorado pela sociedade é a existência de inúmeras mães cujos filhos apresentam alguma condição, os quais têm suas vozes e desafios deslegitimados.

Não são poucos os casos de figuras maternas que cuidam desses filhos sozinhas, já que o abandono paterno não é incomum nesses casos. Mesmo que haja auxílio governamental, ele é, muitas vezes, insuficiente para arcar com certos custos de uma mãe nessa situação, resultando na necessidade de uma intensa jornada de trabalho por parte dessas mulheres. Somam-se a isso as dificuldades naturais e os preconceitos sofridos pelo jovem e seus familiares, criando, assim, um ambiente inadequado e estressante.

Muito se discute sobre a acessibilidade e a inclusão de indivíduos com deficiências, porém, quando se está em situação de vulnerabilidade, como é o caso de diversas famílias, suas vozes são simplesmente ignoradas. Percebe-se, nesse cenário, que se soma ao preconceito a falta de acesso a tratamentos, a medicamentos e a aparelhos necessários para PCDs.

É vergonhoso o quanto nós, enquanto sociedade, ignoramos essas vozes, vozes de mães de filhos com autismo, borderline, Síndrome de Down, deficiências auditivas, visuais ou locomotivas, entre muitas outras, que exigem atenção, auxílio e amparo. Que sejam maiores as consequências sofridas por um pai que abandona sua família nessas situações; que migalhas deixem de ser a única coisa oferecida a essas pessoas; e que, enfim, suas vozes sejam escutadas.

Mãe, a maior prova de amor de um filho

Estudante: Beatriz Soares da Silva Santos
1º Lugar do Colégio Santo Agostinho - Unidade Gutierrez

Categoria 03

9º ano - Ensino Fundamental

Atualmente, no Brasil, é evidente que as mães lutam muito na busca por uma convivência inclusiva para seus filhos com deficiência. É notório que as crianças com essas condições, seja autismo, seja paralisia cerebral, necessitam de mais apoio. Poucos se perguntam quem está por trás desse auxílio, que, em parte altamente significativa, são as mães.

Com isso, é preciso que fiquem claras as grandes dificuldades que a figura materna encontra ao passar pelo processo de inclusão de seu filho na sociedade. É indispensável lembrar que o pai, quando abandona a família, expõe não só a criança com deficiência, mas também a mãe, ou seja, elas passam por todo esse processo sozinhas. Além de terem que atuar desassistidas na criação e na inserção social de seus filhos, essas mulheres recebem pouco ou nenhum apoio em sua jornada, o que também é um grande desafio.

Sendo assim, pela parte materna, é claro que a experiência não é boa, mas, na vida das crianças, esse apoio é crucial. As mães fazem com que seus filhos aprendam suas diferenças, mostrando para eles que o fato de serem rotulados e julgados deve ser superado. Ou seja, essas mulheres ajudam a criança a não carregar consigo a amargura, o ressentimento e a autopiedade, além de demonstrarem a deficiência como uma distinção e não uma enfermidade.

Com isso, concluímos que um dos principais fatores para a persistência materna na busca por uma convivência inclusiva para seus filhos com deficiência é a consequência positiva dessa postura para a vida da criança. É indispensável lembrar da dificuldade, incluindo solidão e abandono, que as mães buscam superar diariamente, a fim de promover uma vida melhor para seus pequenos. Por fim, devemos sempre nos lembrarmos das inúmeras batalhas que as mães enfrentam para melhorar a vida do que move suas vidas, suas mentes e seus corações: os seus filhos.

A importância da mãe na criação da criança com deficiência

Estudante: André de Oliveira Ferreira
1º Lugar do Colégio Santo Agostinho - Unidade Nova Lima

Categoria 03
9º ano - Ensino Fundamental

Muitas vezes, as mães, ao terem um filho que nasceu com algum tipo de deficiência, seja física, seja mental, têm que cuidar dele sozinhas, porque o pai se divorciou ou se recusou a cumprir a tarefa. Com certeza, tal cuidado inclui a busca materna por uma convivência mais inclusiva para as crianças, o que traz consigo muitos desafios, não só sociais como financeiros. Entretanto, é importante que haja essa participação materna para permitir que quem apresente alguma condição física ou mental, como autismo, possa superar os problemas que encontrar e possa alcançar seus objetivos.

Primeiramente, é crucial compreender que as mães que se encontram nessa situação recebem apoio nulo ou mínimo por parte da sociedade e de outras pessoas, tanto na questão financeira quanto na emocional. A mulher tem que sustentar a si e ao filho, possivelmente sozinha, recebendo um salário inferior, por exemplo, ao de um homem que exerce a mesma função, pois o machismo presente no mundo em que vivemos valoriza mais a participação masculina do que a feminina no mercado de trabalho. Além disso, existe um preconceito muito forte contra pessoas com alguma deficiência, tornando essencial a presença materna na vida da criança para ajudá-la a compreender os desafios que enfrenta acerca desse tema e dar a ela suporte.

Apesar desse esforço, muitas pessoas menosprezam o trabalho exercido pela mãe, afirmando que esse filho que sofre de autismo, por exemplo, não terá condição de viver em sociedade ou exercer um trabalho. Essa afirmação está incorreta, pois essas deficiências não afetam (pelo menos boa parte delas) a condição de realizar tarefas complexas, como trabalhar. Além disso, com ajuda de equipamentos especiais, é possível trazer às pessoas que não conseguem andar a possibilidade de se mover, por exemplo. Stephen Hawking exemplifica o porquê de pessoas que enfrentam alguma deficiência poderem ser extremamente importantes para a história humana. Ele sofria de Síndrome de Down, contudo, com a ajuda das diversas ferramentas corretas, foi capaz de se mover, falar e ser um dos cientistas mais impactantes que já existiram. Assim, percebe-se que as mães não estão simplesmente cuidando do filho com deficiência, e sim ajudando-o a superar suas dificuldades e alcançar seus objetivos.

Por fim, vale ressaltar que a presença materna na vida de crianças autistas, surdas ou que sofrem por causa de alguma outra deficiência é, muitas vezes, impedida pela necessidade da mãe em conseguir dinheiro para sustentar a família. Infelizmente, essa situação é pouco divulgada e não se dá a ela a devida importância em razão do preconceito enraizado na sociedade contra quem sofre de alguma dessas condições, dificultando não só a vida da criança, mas também a da mulher que tem de criá-la sem apoio.

A força das mães

Estudante: Mariana Azevedo de Andrade
2º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Categoria 03
9º ano - Ensino Fundamental

Segundo Aristóteles, o homem é um ser social, pois é de sua natureza viver em sociedade e só encontra a felicidade por meio da convivência. Essa felicidade, porém, é difícil de ser alcançada por todos, devido à exclusão sofrida por pessoas com deficiência. Nesse contexto, as mães de filhos que apresentam essas condições encontram dificuldades como solidão e estigmas na busca por uma convivência inclusiva.

Em primeiro lugar, as mães são as pessoas que mais se sacrificam pelos seus filhos e, nesse processo, enfrentam a solidão. Nesse sentido, no livro "Extraordinário", baseado em fatos reais, a mãe de Auggie Pullman é a que mais luta por ele. Ela desistiu de seu emprego, educou-o em casa e sempre defendeu o menino quando ele sofria bullying por causa de sua aparência. Entretanto, mesmo tendo marido, essa mulher passou, muitas vezes, sozinha pelos desafios, pelas angústias e pelas incertezas, como muitas outras mães fora da ficção, cujos filhos com deficiência, constantemente, foram abandonados pelos pais.

Além disso, os estigmas e preconceitos são enormes desafios enfrentados para se alcançar uma convivência inclusiva. Na série "Eu nunca", um dos pares românticos da protagonista, Dave, tem uma irmã mais nova com Síndrome de Down. A mãe da garota ficou muito preocupada quando Dave a conheceu, porque a menina já tinha sofrido bastante com preconceitos. Apesar da discriminação, com a ajuda materna, a personagem se tornou uma estilista, com muita autoconfiança, e nunca se viu como alguém "doente". Assim, o medo dessa mãe no seriado reflete o das progenitoras na realidade, que têm como missão que seus filhos avancem em seus objetivos, sem se sentirem inferiores e sem autopiedade.

Portanto, essas mulheres fortes, que batalham diariamente pelos direitos de seus filhos com deficiências, deveriam ter o apoio dos pais. Isso porque milhares dessas crianças são abandonadas e as mães, conseqüentemente, passam pelas dificuldades sozinhas. Além disso, deve acontecer a conscientização social, especialmente em escolas, para evitar discriminações associadas a estigmas. Dessa forma, pessoas com deficiência poderão conviver de maneira plena. Além disso, todas essas mães merecem ser aplaudidas de pé, como Auggie diz no final do livro, por persistirem por uma convivência inclusiva.

Maternidade e deficiência

Estudante: Manuela Alves de Aquino

3º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Nova Lima

Categoria 03

9º ano - Ensino Fundamental

A maternidade em si já é extremamente desafiadora, mas a experiência das mães de crianças com deficiências intelectuais é ainda maior. Essas crianças são normalmente cuidadas somente por suas mães, que não costumam contar com a ajuda de outros familiares.

Crianças com deficiências são majoritariamente vistas como um fardo para a família, por não serem capazes de se comportarem como “pessoas normais”, mas essa visão deve ser trocada por uma ideologia acolhedora, visando ajudar tanto a criança quanto a mãe. Uma pesquisa realizada pelo psicólogo Richard Hackman aponta que o bom convívio entre indivíduos favorece um melhor desempenho – seja nas relações sociais, seja no desenvolvimento cognitivo –, estimula a criatividade, além de melhorar a capacidade de desenvolver relacionamentos melhores (mais saudáveis, assim promovendo a paciência e tolerância). Com esses resultados, é possível afirmar que, com o bom convívio entre mãe e filho, tais habilidades mencionadas ajudarão a desenvolver, de forma mais atenciosa, sua relação, influenciando principalmente a figura materna, enquanto os jovens poderão alcançar melhor desenvolvimento intelectual por conta da ajuda fornecida. Muitas mães já convivem com seus pequenos, dessa forma, ensinando-os sobre suas diferenças e aumentando suas expectativas sobre o futuro, assim impossibilitando o surgimento dos sentimentos de amargura, ressentimento e/ou autopiedade, impedindo o desenvolvimento da visão da deficiência intelectual como uma enfermidade, mas sim como uma distinção.

Tal realidade não está tão distante como muitos imaginam, pois minha família vive um caso similar. Meu irmão possui autismo de grau leve, o que já o faz enfrentar diversas dificuldades. Mas meus pais não ficaram para trás, pois buscaram saber sobre o assunto e o ajudam da melhor forma que podem, que, no caso, é com um convívio especial e mais atencioso. Se, para minha família, já é complicado, imagine para as mães que possuem tamanha responsabilidade para cuidarem sozinhas? Mesmo lutando diariamente e arduamente para uma melhor condição de vida e qualidade de aprendizado de seus filhos, a solidão que essas mulheres sentem, sem possuir nenhum apoio, é enorme. O suporte para essas figuras é essencial para a melhoria de suas condições de vida, sendo necessária, por meio de voluntários ou de apoio governamental, a garantia de direitos especiais, tanto para as pessoas com deficiências quanto para suas mães.

Portanto, tal assunto deve ser levado ao público com o intuito de conscientizar a população, fazendo-a conviver mais com essas famílias e oferecendo-lhes suporte. A ajuda do Governo brasileiro, também, é de suma importância, para, assim, fornecer-lhes recursos – sejam eles econômicos ou com a implementação de direitos – para todas as mães e crianças que têm de enfrentar desafios todos os dias.

Os empecilhos para uma convivência inclusiva

Estudante: Luiza Castro Marques

4º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Categoria 03

9º ano - Ensino Fundamental

É perceptível que, muitas vezes, mães de crianças com alguma deficiência não recebem a devida atenção. Estas, em muitos casos, acabam sendo o único membro familiar responsável por cuidar da criança e, às vezes, nem sequer possuem uma renda fixa. Por isso, é necessário que as mães persistam na busca por uma convivência inclusiva para seus filhos com deficiência.

Devido às deficiências intelectuais e físicas, muitas dessas crianças são malvistas na sociedade e estigmatizadas. Isto pode ocorrer em diversas relações sociais da vida de tais indivíduos, como na escola. Nessas situações, a mãe exerce um importante papel de intervenção para seus filhos, ensinando-os a conviverem com tal deficiência e a compreenderem que ela não é um empecilho para eles poderem alcançar seus objetivos. Logo, é importante que mais conscientizações sociais sejam feitas acerca desse tema, principalmente nas escolas, visando à quebra de tais preconceitos.

Além disso, essas mães são, na maioria das vezes, ofuscadas pela sociedade, não recebendo o seu devido apoio e sofrendo com a escassez de políticas públicas voltadas a tais crianças. A figura materna é essencial para a formação de um indivíduo, influenciando a formação de sua identidade e suas escolhas. Entretanto, quando essas mulheres são as únicas a se responsabilizarem pelo cuidado para com seus filhos que possuem alguma deficiência, tal formação pode ser afetada. Assim, a solidão de tais mães pode ser um fator dificultador para a criação desses indivíduos, necessitando-se de um apoio do governo.

Portanto, é imprescindível que o Estado tome medidas para garantir que as mães de crianças com alguma deficiência sejam atendidas, sejam elas econômicas ou de políticas públicas. Ademais, é preciso que mais conscientizações sociais sejam feitas, para que essas mães recebam a devida atenção e cuidado.

A luta de uma mãe

Estudante: Ana Sofia de Alvarenga Lage
5º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Categoria 03
9º ano - Ensino Fundamental

A nova temporada de "Casamento às Cegas", reality show da Netflix, mostrou a busca de uma mulher que tem um filho autista por um marido. Em uma de suas primeiras conversas com um possível parceiro, a mulher citou a deficiência de sua criança, para contextualizar o homem sobre a situação, e se mostrou muito feliz e aliviada ao saber que ele tinha uma filha com o mesmo diagnóstico, pois estava com receio da reação dele. A partir desse acontecimento, fica evidente que mães de pessoas com alguma deficiência estão em uma luta constante para a inclusão e o respeito aos seus filhos dentro da sociedade.

As pessoas, muitas vezes, julgam aqueles com deficiência afirmando que são inferiores ou incapazes. No filme "Olhe as estrelas", o protagonista é uma criança com deficiência intelectual. No começo da trama, a sua condição ainda não era diagnosticada, fazendo com que o garoto fosse tachado de "burro" e "esquisito" por seus colegas, professores e até mesmo pelo seu pai. Sua mãe, pelo contrário, sempre o apoiou e o ajudou a enfrentar essa diferença, posteriormente diagnosticada, em ambientes escolares e pessoais também. Isso não se restringe às telas do cinema, mas também acontece na realidade, de modo que as mães se tornam o único ponto de apoio dos jovens, lutando para que eles consigam ser aceitos pelas pessoas.

Essas mulheres são frequentemente deixadas de lado por parentes e falsos amigos ao decidirem lutar pelos seus filhos. Gabriela, mãe de uma criança com Síndrome de Down, contou, em suas redes sociais, que cuida e vive sozinha com seu filho, após seus familiares e conhecidos romperem contato depois do nascimento dele. Ela afirmou, em um vídeo recente, que foi uma bênção a saída dessas pessoas de sua vida e que, hoje em dia, tem amigos que lutam também pelo seu filho. Essa é uma realidade não só de Gabriela, mas de muitas outras mães.

Portanto, é possível perceber a luta das mulheres que têm um filho com deficiência, bem como a persistência delas para que eles tenham uma convivência inclusiva. É notório que elas são indispensáveis na vida de suas crianças e também na busca pela conscientização social acerca desse assunto.

Aprendizes da convivência

Estudante: Júlia Mancini Chiari

6º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Categoria 03

9º ano - Ensino Fundamental

Saber a importância de e como trabalhar em equipe é fundamental. Esse é um princípio essencial, principalmente, na vida das mães que buscam uma convivência em rede solidária, integrada, dialogada e unida para seus filhos com deficiência. Dessa forma, o apoio e o respeito a esses indivíduos, muitas vezes, marginalizados e fragilizados em nossa sociedade, é extremamente importante.

Nossa sociedade atual apresenta, frequentemente, conflitos e discordâncias. Isso demonstra lacunas no entendimento do nosso papel como seres humanos: a convivência em redes. Viver em comunidade significa integridade. A partir do momento em que a solidariedade, o diálogo e os laços da união florescem, essa vivência acontece. Entretanto, existem barreiras que impedem o alcance dessa habilidade, entre elas, por exemplo, está a tolerância prática. Para ser tolerante, não basta compreender que as pessoas podem e têm os mesmos direitos. Ser verdadeiramente tolerante significa aceitar que, no caminho de busca da verdade, podem existir lados diferentes de uma mesma balança, e devemos sempre procurar equilibrá-la. Em outras palavras, a tolerância exige que nós, como seres humanos em comunidade, aceitemos nossas diferenças e diversidade e caminhemos para um mundo onde não haja intolerância social, religiosa, filosófica e ideológica.

Ainda assim, tendo em vista os princípios apresentados anteriormente, a luta materna, voltada para a viabilização de seus filhos com deficiência em uma sociedade que não aparenta ter espaços para esses indivíduos, não é reconhecida. Essa situação é repleta de hipocrisia, uma vez que essas heroínas são responsáveis não só pela construção de sua própria marca, mas também pela história de outro indivíduo, que, muitas vezes, não possui esperança nem em si mesmo. Além disso, a ausência do apoio paterno, do governo e da sociedade como um todo torna essa batalha significativamente mais árdua.

Em suma, o apoio a essas mulheres é uma peça fundamental no grande quebra-cabeça do que é ser humano em uma comunidade em rede. Aliás, é nosso dever proporcionar e caminhar para uma sociedade onde o trabalho em equipe é realizado de forma respeitosa e igualitária. Sendo assim, é somente por meio da união dos nossos corações e mentes que as políticas públicas adequadas serão providenciadas, portanto é fundamental que andemos juntos frente a essa causa.

A deficiência da sociedade

Estudante: Beatriz Guerra e Oliveira
7º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Gutierrez

Categoria 03
9º ano - Ensino Fundamental

Na minha opinião, a persistência materna quanto ao cuidado e à inclusão dos seus filhos com algum tipo de deficiência é um exemplo de coragem e um aspecto fundamental para esses indivíduos. Embora essa condição das mães colabore para o desenvolvimento de políticas públicas e para a conscientização populacional, o preconceito e a exclusão quanto a esse grupo ainda ocorrem atualmente. Assim, a intolerância ao diferente e a mente fechada das pessoas são barreiras que a figura materna enfrenta quando introduz seu filho no mundo.

É claro que receber a notícia de que sua criança apresenta uma alteração em sua formação apertaria o coração de qualquer um, não é mesmo? Não porque seu filho é fora do padrão, mas sim porque essas questões são preocupantes em relação à saúde do indivíduo. Também podem surgir outras preocupações, como o abandono paterno, que é bastante recorrente nessas situações. Na minha visão, isso demonstra fraqueza do pai, a qual precisa ser suprida pela mãe, que, infelizmente, acaba tendo que atuar em dois papéis na criação do bebê.

Cabe acrescentar o impacto positivo que essa postura das mães exerce na mente de seus próprios filhos. Ao fazê-los entender que suas condições não são enfermidades, mas sim distinções, elas melhoram totalmente o pensamento deles. Entretanto, é difícil para uma pessoa com alguma deficiência entender que não há nada de monstruoso nela e que ela é um ser humano comum como qualquer outro. Desse modo, o apoio das mães contribui para que não sejam desenvolvidos problemas psicológicos, como depressão e ansiedade.

Por isso, em virtude dos fatos apresentados anteriormente, concluo que as mães de indivíduos com algum tipo de deficiência são muito fortes na sustentação de seus filhos e no enfrentamento dos desafios apresentados pela sociedade contemporânea. Logo, a compreensão social e a disponibilidade de apoio a essas pessoas e às suas figuras maternas são duas formas de ajudar a solucionar esses problemas.

Deve-se abraçar a convivência

Estudante: Mariana Oliveira Neves

8º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Categoria 03

9º ano - Ensino Fundamental

A convivência é essencial para toda e qualquer pessoa e deve ser iniciada desde cedo. Nós, como seres humanos, temos a necessidade de criar vínculos e conviver pacificamente com aqueles ao nosso redor. Entretanto, infelizmente, essa convivência, muitas vezes, não é inclusiva, podendo até mesmo ser descartada.

Em nosso país, o abandono de crianças por parte da figura paterna é um cenário recorrente. O primeiro passo para a convivência é a família. Quando esse vínculo é cortado por um lado em uma fase tão importante que é a infância, muitas consequências podem ser desencadeadas. Entre elas, a falta de apoio e cuidado paterno, bem como o desenvolvimento de traumas, afetando diretamente a vida e a condição da família como um todo, principalmente do filho.

As protagonistas na luta pela convivência inclusiva de jovens com deficiência são as mães. Estas, incansavelmente, lutam e cobram para seus filhos direitos básicos, que acabam sendo inviabilizados e deixados de lado. Apesar de toda a falta de apoio, do preconceito e da omissão dos pais para pagar a pensão, a persistência dessas mães gera resultados, muito positivos por sinal. Graças a elas, seus filhos são capazes de, ao longo da vida, desenvolver habilidades de interação e de convivência, superando as adversidades impostas pela deficiência.

Assim, é notório o impacto materno na vida dessas pessoas, porém a batalha enfrentada pode ser longa, exaustiva e solitária para essas mães, uma vez que há muita falta de apoio. É primordial levantar e divulgar essa pauta, cobrar do governo políticas públicas e meios de viabilizá-la na sociedade brasileira. Com a democratização da internet, projetos podem ser divulgados rapidamente e acessados com maior facilidade. A diferença é o que nos torna únicos, por isso ela deve ser abraçada e respeitada independentemente de qualquer coisa. Essa luta é de todos.

Mães, pilares solitários

Estudante: Maria Cecília Lima Lopes
9º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Gutierrez

Categoria 03
9º ano - Ensino Fundamental

O abandono paterno é uma lastimável realidade brasileira. Nos casos de crianças que nascem com algum tipo de deficiência, essa situação é ainda mais recorrente e grave. Dessa forma, as mães são as principais encarregadas pela guarda dos filhos e, assim, são sobrecarregadas, sem, muitas vezes, nenhuma rede de apoio, lutando sozinhas constantemente pela inclusão de seus filhos.

A questão do abandono é, frequentemente, invisibilizada na sociedade brasileira. Entretanto, mesmo sendo ocultada, milhares de mulheres sofrem com essa realidade, na qual elas enfrentam a solidão e a falta de suporte. No caso de crianças com deficiência, esse auxílio seria ainda mais primordial, visto que, muitas vezes, são necessários tratamentos e terapias, nos quais a falta de apoio logístico, financeiro e até mesmo psicológico se torna um grande impasse.

Além disso, as mães solo devem lutar diariamente pela inclusão de seus filhos e pelo seu espaço no mundo. Essas crianças que sofrem, muitas vezes, com bullying e exclusão pelo simples fato de serem atípicas têm a mãe com uma base e um pilar. Essas pessoas precisam lutar tanto por leis e políticas públicas, quanto por um simples espaço em um parquinho, já que, às vezes, nem os espaços urbanos promovem um espaço para todos. Essa postura de luta possibilita o sucesso dessas crianças, que têm essas figuras como exemplo.

Desta maneira, podemos concluir que, diante do fato de a sociedade brasileira praticar a exclusão e não auxiliar muitas parcelas da sociedade, é necessária a tomada de medidas por meio da educação, das leis e de auxílios financeiros a essas pessoas, para que, assim, possam participar de forma mais igualitária na sociedade.



CATEGORIA 4

1ª E 2ª SÉRIE

DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO

Neste capítulo, vocês vão ler textos dos estudantes de 1ª e 2ª série, que foram desafiados a produzirem um texto dissertativo-argumentativo a partir da leitura de textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação.

Para a 1ª série, a frase-temática proposta foi “A importância da tolerância e da boa convivência escolar como formas de combate ao bullying”, em que os textos selecionados atingiram a meta fundamental de abordar como as relações interpessoais nas instituições de ensino podem influenciar a ocorrência de comportamentos intolerantes, pois, quando há falta de harmonia e de entendimento entre os membros da comunidade escolar, cria-se um ambiente propenso ao bullying. Dessa forma, os estudantes indicaram que laços de amizade, respeito mútuo e tolerância são caminhos essenciais para a prevenção e o combate a esse problema.

A 2ª série, por sua vez, desenvolveu o texto a partir do tema “A convivência entre homem e meio ambiente: desafios para conciliar preservação ambiental e desenvolvimento social”. Os discentes selecionados argumentaram quanto à relação do homem com a natureza e apresentaram os desdobramentos desse convívio, que podem ser tanto positivos quanto, e sobretudo, negativos. Ademais, aspectos da exploração ambiental realizada pela humanidade foram evidenciados, bem como a necessidade de soluções para harmonizar o desenvolvimento social e a preservação do meio ambiente.

Por fim, cumprindo os critérios de correção do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), os textos selecionados foram capazes de apresentar repertório sociocultural produtivo e uma proposta de intervenção que respeitasse os direitos humanos e solucionasse o(s) problema(s) discutidos no texto. As produções foram avaliadas também quanto à seleção, à organização e à relação dos argumentos, de forma coerente e coesa.

TEXTO 1

Estudante: Ana Clara da Silva Silvestre **1º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte**

Categoria 04
2ª série - Ensino Médio

A obra literária “A vida não é útil”, de Ailton Krenak, aborda a convivência entre homem e meio ambiente, demonstrando que a sociedade e os sistemas de governo visam apenas aos lucros em detrimento da conservação dos recursos naturais. De maneira análoga, fora da literatura, a população contemporânea enfrenta diversos desafios para conciliar a preservação do meio ambiente e o desenvolvimento social, tais como o consumismo e a urbanização.

De início, é notório que o consumo exagerado é um empecilho para a conciliação entre a conservação ambiental e o desenvolvimento social. Nesse sentido, os itens produzidos são planejados com prazo de vencimento, conceito denominado como “obsolescência programada”, a fim de que haja um maior consumo desses bens. Esse fator reforça a cultura do consumo que está enraizada na sociedade, levando os indivíduos a acreditarem que a ascensão social só pode ser alcançada com a aquisição desses itens. Desse modo, a prática consumista promove a degradação ambiental devido ao uso de recursos naturais para produzir materiais de consumo e ao descarte de lixo em locais inapropriados.

Além disso, a urbanização é uma barreira para se construir uma relação saudável entre o homem e a natureza. Nesse contexto, as enchentes na região do Rio Grande do Sul ilustram essa afirmativa, uma vez que o principal fator para a ocorrência desse fenômeno é o crescimento urbano desordenado, já que este amplia a habitação em áreas de risco. Dessa maneira, os habitantes dessas regiões, ao buscarem desenvolvimento social em sua moradia, estão propensos a sofrerem esse desastre e, posteriormente, a causarem uma destruição ambiental em larga escala devido ao alagamento das áreas. Logo, a população marginalizada não consegue conciliar a preservação do meio ambiente e seu desenvolvimento social.

Portanto, medidas são necessárias para reverter o problema. Nessa perspectiva, cabe ao Estado – órgão responsável pela harmonia social – promover a fiscalização das empresas, por meio de leis que proíbam produtos produzidos com o intuito de se tornarem obsoletos, a fim de minimizar a degradação ambiental causada pelo descarte desses itens. Ademais, é necessário fornecer moradia segura para a população, visando mitigar desastres no meio ambiente. Apenas após a realização dessas ações, será possível conciliar a conservação ambiental e o desenvolvimento social.

TEXTO 2

Estudante: Anna Clara Pereira da Silva **1º Lugar Geral - Escola Profissionalizante Santo Agostinho**

Categoria 04
2ª série - Ensino Médio

Segundo a pensadora Simone de Beauvoir, “O mais escandaloso dos escândalos é que nos habituamos a eles”. Compativelmente a sociedade tem naturalizado os problemas relacionados aos desafios para conciliar a preservação ambiental e o desenvolvimento social, visto que as pessoas têm ignorado as adversidades presentes na convivência do homem com o meio ambiente. Assim, cabe a análise dos fatores governamentais e históricos que fomentam a existência de tal cenário.

Em uma primeira análise, é lícito postular que o padrão de consumo atual tem raízes históricas e dificulta a conservação do meio ambiente. À luz dessa perspectiva, com as Revoluções Industriais, na América do Norte, surgiu um novo estilo de vida, chamado “American Way of Life”, que representava o padrão do cotidiano americano pactuado no consumismo. Esse estilo de vida, conseqüentemente, gera diversos impactos, já que, para se viver assim, é preciso extrair muitos recursos ambientais. Dessa forma, o meio natural passa a ser desmatado, o que se constitui como uma barreira para o desenvolvimento sustentável.

Ademais, a negligência estatal configura-se como um empecilho para a manutenção da natureza. De acordo com a teoria de John Rawls, conhecida por “Pacto Social”, o Estado é responsável por ser mantedor do bem-estar coletivo. Entretanto, a permanência dos problemas ambientais causada, sobretudo, pela falta de ação por parte dos governantes, que poderiam elaborar e aplicar as leis que assegurassem um desenvolvimento econômico que seja sustentável, tem violado esse “Pacto Social”. Logo, é necessária a adoção de regularizadores sociais elaborados pelas organizações estatais.

Portanto, é imperioso que a chaga social seja amenizada. Para isso, o Órgão Legislativo — que sedia os debates de interesse social — precisa elaborar leis que protejam o meio ambiente, por meio da penalização de segmentos que descumprem as medidas de preservação ambiental, a fim de que provoque uma mudança nas ações coletivas. Dessa maneira, a relação entre o homem e o meio natural será saudável e o “Pacto Social” será concretizado na contemporaneidade brasileira.

TEXTO 3

Estudante: Beatriz Baeta Heslop **2º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Nova Lima**

Categoria 04
2ª série - Ensino Médio

A partir da Primeira Revolução Industrial, ocorrida no século XVIII, a humanidade passou a noticiar o aumento da temperatura terrestre decorrente da queima descontrolada de combustíveis fósseis e das altas emissões de gases do efeito estufa na atmosfera. Esse fator é responsável pelos eventos climáticos extremos que acometem a qualidade de vida e o bem-estar de milhões de pessoas ao redor do mundo, assim como a preservação ambiental e a biodiversidade do planeta. Nesse âmbito, destacam-se dois fatores como principais obstáculos dessa problemática: o alto padrão de consumo da sociedade e a negligência governamental em relação aos cuidados com o meio ambiente.

Diante desse cenário, é importante ressaltar como o sistema econômico capitalista fomentou práticas de consumo insustentáveis devido à maneira como a população conduz o seu capital. No filme "Wall-E", o protagonista de mesmo nome é um robô catador de lixo que é responsável por "limpar" o planeta Terra, que se tornou inabitável devido à destruição humana, por isso a espécie se refugiou no espaço. Para além da ficção, a realidade apresentada se assemelha ao modo como a sociedade atua com uma pegada ecológica superior aos recursos ofertados pelo planeta, o que resulta em intensas sobrecargas ambientais, como as mudanças climáticas que, além disso, geram diversas consequências para a fauna e a flora e, inclusive, para a própria população humana. Desse modo, o alto padrão de consumo contribui para o aumento de diversas crises sociais e ambientais, marcadas pelos refugiados climáticos e pela degradação ambiental.

Além disso, deve-se destacar como a negligência governamental relacionada às necessidades enfrentadas pelo meio ambiente dificulta a sua preservação. Devido ao crescimento urbano descontrolado, bem como às atividades econômicas do setor industrial, torna-se necessário o uso de matéria-prima em um ritmo que o meio ambiente é incapaz de repor em um curto período. Por isso, atividades como o desmatamento, a pecuária e a extração mineral tendem a ser realizadas de forma não regulamentada por meio de instituições ilegais que atuam em locais de difícil acesso. Entretanto, esse fluxo de práticas degradantes ao espaço que deveria ser propriamente preservado contribui para a catástrofe climática enfrentada pelo planeta, uma vez que suas consequências, em adição aos eventos extremos do clima, sujeitam as áreas ambientais e as pessoas que nelas vivem a uma vulnerabilidade ainda maior.

Nesse sentido, faz-se necessário expandir os debates sobre a temática para que medidas sejam efetivamente tomadas. O Governo Federal, em parceria com o Ministério do Meio Ambiente, deve aprimorar o sistema de monitoramento via satélite e terrestre, para assegurar a preservação ambiental em áreas protegidas e de difícil acesso, como a Floresta Amazônica. Além disso, o Estado deve promover campanhas de conscientização acerca de um consumo sustentável, a fim de garantir uma ampla conscientização pública acerca da temática para perpetuar uma sociedade responsável em relação ao meio ambiente.

TEXTO 4

Estudante: Ana Beatriz Caixeta Vieira de Mendonça **3º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Nova Lima**

Categoria 04
1ª série - Ensino Médio

Em “Ensaio sobre a cegueira”, o escritor português José Saramago descreve uma cidade fictícia na qual, gradativamente, as pessoas vão ficando cegas. Ao transportar a ficção e analisar a atual conjuntura brasileira, percebe-se que a obra exemplifica a realidade, em que a importância da tolerância e da boa convivência escolar no que tange ao combate ao bullying não recebe a devida atenção. Nesse sentido, deve-se analisar como a negligência estatal e a normalização de atos de zombaria impulsionam tal problemática, com o intuito de solucioná-la.

Em primeiro lugar, nota-se a ausência de medidas governamentais para a reversão da propagação do bullying. Sob a perspectiva do filósofo São Tomás de Aquino, em uma sociedade democrática, todos os indivíduos são dignos e têm a mesma importância, além dos direitos e dos deveres que devem ser garantidos pelo Estado, o que, entretanto, não ocorre no país. Nesse contexto, em decorrência da insuficiência da máquina pública e da falta de incentivos, cada vez menos escolas buscam acolher as vítimas do bullying e educar os alunos das instituições desde o princípio, a fim de incentivar a boa convivência no ambiente escolar. Logo, é notório que a omissão do Estado perpetua a cultura do bullying nas escolas.

Em segundo lugar, ressalta-se que a normalização dos atos depreciativos nas escolas potencializa esse cenário errôneo. Nesse viés, para o sociólogo brasileiro Betinho, o desenvolvimento humano só será efetivo quando a sociedade civil afirmar alguns pilares, como a igualdade. No entanto, a concretização desse princípio ainda se encontra distante, visto que os atos de zombaria normalmente ocorrem com pessoas julgadas diferentes ou com alguma característica física “estranha” e, em decorrência disso, é normal para os agressores realizarem brincadeiras e agressões contra as vítimas. Assim, enquanto o bullying for normalizado, difícil será alcançar a igualdade.

Dessarte, denota-se a urgência de medidas governamentais para a resolução do bullying. Nesse sentido, cabe ao Estado – em sua função de promotor do bem-estar social – divulgar propagandas notificando a importância de medidas para a tolerância e a boa convivência nas escolas, mediante a criação de leis para a punição de agressores e motivadores do bullying. Tal ação terá como finalidade garantir que todas as escolas apoiem as vítimas, além de interromper a normalização desses conflituosos atos. Assim, à luz da perspectiva de Saramago, será possível mitigar a cegueira moral que permeia essa questão.

TEXTO 5

Estudante: Lara Martins Scarpelli

4º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Contagem

Categoria 04

1ª série - Ensino Médio

Opressão, insegurança, exclusão. No programa de televisão “Chiquititas”, em muitos episódios, alguns dos personagens vivenciam situações de extremo desconforto em seu ambiente escolar, uma vez que são vítimas de bullying por serem órfãos. Por conseguinte, esse tipo de agressão pode ocorrer no mundo contemporâneo, tanto física quanto verbalmente. Logo, o ambiente de máximo nível de socialização que seria a escola se torna, infelizmente, um espaço proveniente de atitudes maldosas, que ocasionalmente afetam a saúde mental e o desenvolvimento educacional de um estudante. Desse modo, identifica-se que possíveis agentes para essa série de intolerâncias incorporadas na sociedade atual são as próprias escolas e a educação aplicada dentro de casa.

A falta de posicionamento das instituições escolares promove uma rede mais frágil e propensa para atitudes agressivas de um estudante contra outro, tornando a escola um lugar cada vez mais excludente e desafiador. De acordo com o sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman, “vivemos em tempos líquidos. Nada foi feito para durar, nem mesmo as relações pessoais”. Essa citação vem acompanhada de um peso grande, de modo que, cada vez mais, se perdem esperanças de uma boa convivência na humanidade, até mesmo na escola, um local de formação e aprendizado. A ausência de participação e acompanhamento afetivo interferem diretamente na construção de um ambiente educativo, seguro e saudável.

Além disso, é de suma importância identificar que o maior ator na educação de uma pessoa são seus pais e responsáveis. A forma como criam, ensinam e agem afeta fortemente o desenvolvimento de caráter do indivíduo em formação. Ao se observar um praticante de bullying, é evidenciada uma possível relação desarmônica e conflituosa, muitas vezes, até dentro de casa. A falta de diálogo, presença, suporte e atenção pode gerar uma certa carência que buscará ser suprida na escola, a fim de relevar e esconder seus conflitos internos e até suas próprias inseguranças.

Diante desse cenário, é papel das instituições educacionais investir em métodos mais eficientes de conscientização sobre a causa e aplicar punições mais assertivas para os agressores. Os pais e responsáveis, por sua vez, devem estar sempre atentos ao comportamento de seus filhos e instruí-los positivamente para atitudes empáticas e solidárias. Se perceberem algum desvio, é preciso buscar a ajuda de um profissional, como psicólogos, ou, através de uma boa conversa, reverter a situação. Com a aliança desses dois ambientes de formação, pode-se alcançar um ambiente escolar mais tolerante.

TEXTO 6

Estudante: Isabella Santos Brito

5º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Contagem

Categoria 04

2ª série - Ensino Médio

A animação "The man" retrata o cenário da busca pelo lucro e poder e mostra como o ser humano afeta negativamente a natureza nesse processo. Analogamente, a sociedade atual é marcada pelo conflito entre a preservação natural e o desenvolvimento social do país, uma questão que deve ser debatida para que o capitalismo afete o meio ambiente o mínimo possível. Nesse sentido, é notório que a influência midiática e a negligência governamental atuam no agravamento da problemática.

Diante desse contexto, fica claro que o consumismo influenciado por meios digitais aumenta as taxas de poluição e desmatamento ambientais. A influenciadora digital Bianca Andrade ensina como o marketing que ela faz usando as redes sociais aumenta o número de vendas da sua marca "Boca Rosa". Assim como a influenciadora afirma, muitas pessoas compram os produtos por influência da mídia, das propagandas, a fim de atingir certa visibilidade social, o que leva à extração de mais matéria-prima e à poluição de rios, do ar, de matas para sua fabricação. Logo, o consumo exagerado leva a consequências ao ecossistema, o que exige mudanças.

Além disso, o descaso governamental em relação a temas ambientais pode ser um desafio para que o desenvolvimento nacional e a preservação da natureza coexistam. Com a invasão dos portugueses ao Brasil em 1500, o pau-brasil foi fortemente coletado, áreas foram desmatadas para produção agrícola e indígenas foram escravizados visando ao máximo lucro para a Coroa Portuguesa. Repetindo esse cenário, ainda hoje, a incessante busca por riqueza, lucro e poder mundial leva o Estado a não se preocupar se o consumismo, que gera ganhos financeiros à nação, afeta o meio natural. Sendo assim, medidas devem ser tomadas.

Portanto, ações que permitam o desenvolvimento social juntamente com a preservação são essenciais. Sob esse viés, é necessário que o Ministério do Meio Ambiente, órgão responsável por garantir a proteção da fauna e da flora brasileiras, aumente a fiscalização em grandes indústrias por meio da constante inspeção por profissionais treinados, a fim de garantir o cumprimento das leis de proteção ambiental. Dessa forma, os impactos ao ecossistema serão moderados.

TEXTO 7

Estudante: Júlia Florentino Barreto **6º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte**

Categoria 04
1ª série - Ensino Médio

“Young Royals” é uma série de televisão que relata a vida de dois adolescentes que foram vítimas de bullying, na instituição educacional em que estudam, após um estudante gravar um vídeo em seu celular, o qual mostrava os garotos tendo uma relação romântica. Tal exposição fez com que os indivíduos da escola os violentassem verbalmente por meio de gírias homofóbicas e racistas, visto que um dos rapazes era negro. Fora da ficção, a situação experienciada por esses adolescentes se relaciona com a sociedade atual, pois preconceitos continuam frequentes em ambientes de aprendizado. Nesse cenário, percebe-se a importância da tolerância e da boa convivência escolar como formas de combate ao bullying para a preservação da saúde mental e física de quem sofre essa prática, fundamentada por estereótipos negativos.

Nessa perspectiva, é possível analisar a necessidade da estabilidade física e mental para obter-se um espaço saudável em escolas, porque os alunos precisam estar confortáveis para adquirir conhecimento, isto é, sem distrações que os impeçam de estudar. Comprova-se essa afirmação no livro “Tinha que ser comigo?”, que retrata uma garota de 13 anos que é vítima de zombarias em relação ao seu corpo em seu local de ensino. Com isso, a menina desenvolve um transtorno alimentar, a bulimia, com o fito de emagrecer rapidamente para ser aceita por seus colegas, porém, a ação descrita anteriormente não é saudável.

Contudo, compreende-se que há obstáculos para combater práticas agressivas em espaços de escolarização devido aos estereótipos negativos que pessoas intolerantes atribuem a humanos “fora do padrão”, isto é, apelidos ofensivos que recusam a diversidade cultural. Em adição, a série “Sex Education” mostra crianças em um acampamento acadêmico ridicularizando uma menina negra que não possuía roupas de alto preço, chamando-a de “nojenta” e mandando-a “voltar para sua terra natal”, prática intolerante que impede a socialização estável entre alunas.

Portanto, conclui-se que é dever do Estado a exigência de professores – principais fornecedores de conhecimentos – em locais de ensino para a criação de um ambiente de boa convivência por meio de práticas que envolvam a integridade, isto é, a troca de saberes entre estudantes. Tal ação tem o intuito de promover a interação entre diferentes alunos em trabalhos em grupo, por exemplo, e fazê-los aprender a respeitar o próximo e a tolerá-lo da forma que ele merece.

TEXTO 8

Estudante: Sofia Azevedo Silva

7º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Categoria 04

1ª série - Ensino Médio

De acordo com uma pesquisa realizada pelo IBGE acerca da recorrência do bullying nas escolas, quase um quarto dos jovens entrevistados afirmaram já ter sofrido com isso dentro do último mês. Dessa maneira, é fato a necessidade da tolerância e da boa convivência escolar como forma de combate a esse tipo de violência recorrente. Isso, porque ações que demonstram respeito ao próximo resolvem efetivamente o problema, embora não ocorra o devido incentivo delas.

Nesse cenário, vale destacar que ações solidárias são acolhedoras para aqueles que sofrem com o problema. Isso pode ser exemplificado na ficção americana "Atypical", na qual o personagem principal, inicialmente, sofre com o bullying, porém, decidindo incluí-lo, um grupo de estudantes realiza uma comemoração de seu aniversário na sala de aula. Tal situação faz com que esse tipo de violência não ocorra mais na série, tirando o garoto de uma posição de vítima. Fora da ficção, situações similares acontecem, o que ajuda a diminuir o problema, sendo de grande importância para o combate ao bullying.

Entretanto, ações que incentivam uma boa convivência não são praticadas, fazendo com que haja a manutenção do problema. Sob essa ótica, pode-se ver essa falta de interações positivas na série italiana "Baby", na qual a personagem Ludovica sofre com a exclusão social por parte de seus colegas de classe. Fora da ficção, isso pode ser visto no âmbito discente, que demonstra a falta de incentivo a práticas de tolerância. Assim, fica clara a urgência de tornar essas ações parte da realidade dos jovens na sociedade atual.

Portanto, a mídia – recurso informativo de ampla abrangência – deve sediar e divulgar programas de televisão que demonstrem efetivamente a prática de ações de boa convivência por meio de canais com alta taxa de acesso pelos adolescentes. Tal feito terá como finalidade conectar-se com o público-alvo de maneira sutil e demonstrará a importância da tolerância ao outro no âmbito escolar. Assim, incentivam-se as ações inclusivas como a que ocorre em "Atypical" e evita-se a repetição de acontecimentos excludentes como visto na série "Baby".

TEXTO 9

Estudante: Bruno Croso Lanna

8º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Categoria 04

2ª série - Ensino Médio

O rompimento da barragem de Brumadinho, em 2019, foi um evento extremo que trouxe consigo consequências drásticas para o meio ambiente e a população local, levando a muitas mortes e perda de moradias. Esse é só mais um exemplo de ocasiões nas quais os seres humanos foram impactados por sua relação de convivência insustentável com o meio ambiente. Nesse contexto, constata-se a necessidade de análise dos desafios para conciliar a preservação ambiental com o desenvolvimento social, como o consumismo estrutural e a falta de planejamento urbano.

A princípio, é fundamental destacar a relação entre o consumo excessivo presente na atualidade e a degradação ambiental. Como fora apontado pelo ativista indígena Ailton Krenak em seu livro "A vida não é útil", enquanto o homem continuar a pensar e agir em virtude de si próprio, os desdobramentos de suas ações recairão sobre aqueles ao seu redor. Essa perspectiva se torna ainda mais clara quando o objeto de estudo é o meio ambiente, uma vez que, na era moderna, a exploração inconsequente de recursos é forte, o que culmina em crises climáticas e outros tipos de desastres.

Ademais, outra barreira digna de destaque se ergue no quesito de planejamento urbano. Este, quando não realizado ou realizado de maneira inadequada, apresenta grandes impactos para o meio ambiente e, assim, para a própria sociedade. A ocupação irregular – caracterizada principalmente pela construção de moradias em áreas de risco – danifica o solo e o lençol freático, o que resulta em desabamentos e inundações. Dessa forma, constata-se a urgência de mudança desse cenário.

Portanto, é imperativo que se tome uma medida para atenuar esses desafios e mitigar seus impactos. Nesse sentido, cabe ao Ministério da Educação e às instituições de ensino darem destaque à convivência sustentável entre o ser humano e o meio ambiente em seus programas de educação, por meio da inclusão de matérias e projetos que visem ao entendimento dessa relação e a como as ações dos indivíduos podem melhorá-la, a fim de formar membros da sociedade capazes de fazer escolhas conscientes que abordem a crise ambiental de maneira efetiva. Somente assim se chegará a soluções que considerem todos os aspectos desse problema, e moldar-se-á uma nova realidade.

TEXTO 10

Estudante: Pedro Barbosa de Barros **9º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte**

Categoria 04
1ª série - Ensino Médio

A advogada Ana Paula Silveira considera bullying qualquer forma de agressão física ou psicológica feita contra alguém com o intuito de excluí-lo e causar sofrimento à vítima. Nesse contexto, revela-se a importância da tolerância e boa convivência no ambiente escolar como meios de combater essa forma de violência. Nesse cenário, haveria então ambientes inclusivos, entretanto a prática violenta ainda é frequente em escolas brasileiras.

Por um lado, a tolerância e a boa convivência na escola criariam ambientes inclusivos para os estudantes. Por exemplo, na série britânica de novelas gráficas, Heartstopper, o personagem principal, Charlie, sofria bullying devido a sua orientação sexual e era frequentemente insultado e menosprezado e, apenas com ajuda do corpo docente de sua nova escola e com o apoio de seus amigos, conseguiu superar o trauma e passar a se sentir bem e incluído no ambiente escolar. Paralelamente, no Brasil, casos como esse também são comuns, e, com um ambiente escolar tolerante, é sempre uma boa forma de acolher os alunos e respeitar sua individualidade.

Por outro lado, o maior desafio para que isso se concretize é a alta frequência com que o bullying é praticado nas escolas brasileiras. Segundo o PENSE, na faixa etária de 13 a 17 anos, 12% dos alunos assumiram terem praticado o ato no mês anterior à pesquisa escolar e outros 23% afirmaram terem sido vítima no mesmo intervalo de tempo. Embora existam diversas campanhas antibullying nas escolas, geralmente não surtem grande efeito e a prática continua a vitimizar milhares de estudantes brasileiros todos os meses.

Tendo em vista essa problemática, percebe-se a urgência em ser solucionada. Dessa forma, cabe ao Ministério da Educação promover a inclusão e o conhecimento sobre as principais formas de preconceito presentes no ambiente escolar – como a gordofobia, a homofobia e o capacitismo – por meio da inserção da matéria Sociologia na BNCC a partir do 6º ano, com a abordagem voltada ao estudo da importância do combate às formas de discriminação, com o fito de assegurar um ambiente escolar seguro e inclusivo e de desconstruir estereótipos. Somente assim um ambiente de boa convivência e diverso será possível nas escolas brasileiras, proporcionando um acolhimento, assim como o que foi oferecido ao personagem Charlie, aos estudantes do país, bem como o combate efetivo ao bullying no Brasil.

TEXTO 11

Estudante: Nathaly Alessandra Aleixo dos Santos **10º Lugar Geral - Escola Profissionalizante Santo Agostinho**

Categoria 04
2ª série - Ensino Médio

Ainda no século XXI, vivenciou-se uma negligência da sociedade perante o meio ambiente. Entretanto, tal descaso trouxe consigo consequências ao longo das décadas, como o aquecimento global. Com isso, os governos do mundo se juntaram e estabeleceram o Acordo de Kyoto, que visa diminuir a emissão de CO e CO2 para a atmosfera até 2030. Porém, de nada adianta esse acordo se a população não se conscientizar sobre a preservação ambiental e se os países não fizerem a sua parte para manter o desenvolvimento social sem más interferências ao ambiente.

Nesse sentido, na animação "Musculus", na quinta temporada, há um episódio bônus, em que é tratado sobre o meio ambiente com objetivo de conscientizar as pessoas sobre esse tema. Essa conscientização se mostra extremamente necessária quando ainda se observam casos como o desmatamento ilegal da Amazônia e as enchentes no Sul do Brasil, fatores que aconteceram devido ao descaso e às consequências das ações humanas. Essa falta de consciência não está de acordo com a preservação ambiental prevista para a sobrevivência do mundo e seus seres.

Além disso, fatores históricos, como a Revolução Industrial, mesmo que ótimos para o desenvolvimento social, não aconteceram pensando no meio ambiente, trazendo prejuízos duradouros ao mundo. Portanto, a responsabilidade recai sobre os governantes e países que deveriam estabelecer leis e vigilância rígidas para conter essa degradação ambiental. Dessa forma, a evolução humana não seria um problema para a natureza, ocorrendo uma conciliação dos recursos naturais e do desenvolvimento social.

Portanto, cabe ao Ministério da Justiça e da Segurança Pública, órgão federal responsável pela garantia da legislação e seguridade no Brasil, estabelecer leis que unam as ideias do meio ambiente com o desenvolvimento social, por meio de constituições e fiscalizações a fim de uma melhor convivência entre homem e meio ambiente. Assim, haverá um Brasil que preza pela causa ambiental e pela prosperidade de seu povo.



CATEGORIA 5

3ª SÉRIE

DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO

Por fim, como último capítulo, os alunos da 3ª série do Ensino Médio, formandos da instituição, foram desafiados a escrever um texto dissertativo-argumentativo – que seria avaliado de acordo com os critérios do Enem – com o tema “A importância da boa convivência e das conexões sociais para a promoção do desenvolvimento harmônico das comunidades”, apresentando uma proposta de intervenção que respeitasse os direitos humanos.

Os textos selecionados demonstraram a importância da convivência harmoniosa e das relações sociais saudáveis para a criação de um ambiente onde todos os membros da comunidade possam prosperar e reconhecer-se como participantes do grupo. Os discentes argumentaram que, quando as pessoas se sentem parte de uma comunidade, elas se tornam propensas a participar de atividades coletivas, colaborar em projetos comunitários e apoiar umas às outras em momentos de necessidade. Esse sentimento de unidade é essencial para a estabilidade social e para o desenvolvimento de uma identidade comunitária forte, o que viabiliza o desenvolvimento de comunidades mais harmônicas e estruturadas.

Além disso, os estudantes de 3ª série, para a escrita de seus textos, selecionaram, organizaram e relacionaram, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seus pontos de vista, lembrando-se de fazer uso do senso crítico e de fundamentações que saíssem da percepção comum.

TEXTO 1

Estudante: Jéssica Esteves Machado

1º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Contagem

Categoria 05

3ª série - Ensino Médio

A série "The Walking Dead" retrata o mundo apocalíptico em que as conexões sociais são essenciais para a sobrevivência dos personagens, os quais não seriam capazes de enfrentar essa situação sozinhos. Nesse sentido, o cenário presente na obra se assemelha à realidade brasileira no que tange à importância das relações interpessoais para garantir o avanço da sociedade. Logo, destaca-se um importante papel da educação, bem como da promoção da confiança entre os membros de uma comunidade.

Diante desse contexto, nota-se que um incentivo a interações sociais deve ocorrer desde cedo. Sob esse viés, é válido mencionar o sociólogo Edgar Morin, o qual defende um método pedagógico pautado na multiplicidade de saberes, uma vez que o modelo de ensino atual é muito conteudista e não explora temas que não se encontram na grade curricular, como a necessidade de se trabalhar bem em grupo. Nessa conjuntura, sabe-se que, mesmo com a existência de atividades escolares realizadas coletivamente, os estudantes que têm dificuldade em socializar não recebem ajuda dos professores para melhorar essa habilidade, o que resulta em problemas futuros, já que as conexões interpessoais serão necessárias para alcançar o sucesso no trabalho e na vida em geral dessas pessoas. Com isso, é imprescindível que crianças e adolescentes sejam incentivados a desenvolver a comunicação e a cooperação com outros indivíduos.

Ademais, é evidente que sem confiança é impossível o estabelecimento de relações concretas que possibilitem o desenvolvimento de uma sociedade harmônica. Sob essa lógica, é útil a análise do "Estado de natureza", assunto que serve de base para teorias de diversos filósofos que afirmam que o homem sai do seu estado natural e organiza um sistema político devido à má convivência entre as pessoas de uma comunidade, o que ocorre, principalmente, pela falta de confiança entre eles. Nesse prisma, percebe-se que a fragilidade dos relacionamentos sociais é gerada pelas ações negativas dos cidadãos, como atos de criminalidade e de corrupção, visto que, a partir delas, os indivíduos vivem com medo constante de serem enganados e, conseqüentemente, eles não conseguem estabelecer bons vínculos. Assim, é preciso investir na formação de sujeitos honestos para que seja possível o desenvolvimento da qualidade de vida.

Portanto, urge que sejam criadas medidas para promover a boa convivência entre as pessoas de determinada comunidade. Para tanto, cabe ao Ministério da Educação, juntamente com as diretorias escolares, garantir a formação de indivíduos honestos e capazes de formar conexões sociais de qualidade, por meio da implementação de aulas que abordem a criação de valores como honestidade, bem como a importância do desenvolvimento de habilidades comunicativas, o que pode ocorrer na matéria de Projeto de Vida, por exemplo. Essa proposta tem como finalidade garantir a harmonia dentro da sociedade. Espera-se, por fim, que todos os cidadãos consigam trabalhar juntos em prol do coletivo.

TEXTO 2

Estudante: Isabella Dusanek Sermenho **1º Lugar do Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte**

Categoria 05
3ª série - Ensino Médio

O ODS 3, do plano de metas da ONU, Agenda 2030, prevê a saúde e o bem-estar social. Entretanto, é inviável atingir esse objetivo na ausência do desenvolvimento harmônico das comunidades, fenômeno que está diretamente interligado com a qualidade de vida do cidadão. Diante desse contexto, faz-se necessário o debate acerca da importância da boa convivência e das conexões sociais perante a crescente individualização da sociedade como entrave para atingir essa harmonia.

Inicialmente, o bem-estar físico e mental se mostra essencial na garantia do convívio harmônico. A Terapia Cognitiva Comportamental (TCC), por exemplo, é um modelo psicoterapêutico que enfatiza a necessidade da criação de relações interpessoais saudáveis para o desenvolvimento pessoal do indivíduo e para a manutenção de sua saúde mental. Nesse sentido, com estabelecimento desses vínculos, é possível garantir, também, a saúde física dos cidadãos, uma vez que, ao se sentirem bem mentalmente, sua disposição corporal tende a melhorar. Logo, em um cenário em que não há o fortalecimento desses vínculos, a saúde pública é prejudicada.

Contudo, a crescente digitalização dos meios de interação se mostra como um empecilho na garantia de tal harmonia, visto que leva, progressivamente, a sociedade à individualização. De acordo com o documentário "O Dilema das Redes", a população tem frequentemente deixado de interagir com outros indivíduos pessoalmente e passado a priorizar o contato via redes sociais. Com isso, a humanidade tende ao isolamento, evitando a socialização e preferindo o contato digital, o que gera interações mais superficiais. Assim, as pessoas desenvolvem cada vez menos relações e vínculos profundos, enfraquecendo a boa convivência social, uma vez que a torna mais frágil e com poucas trocas genuínas.

Portanto, é essencial que o Estado promova uma maior interação entre indivíduos na sociedade. Isso será feito por meio da criação de campanhas de conscientização que reforçam a importância das conexões interpessoais. Além disso, deverão ser feitos eventos públicos de socialização, mensalmente, nos principais municípios do país. Logo, o Brasil estará mais próximo de garantir o desenvolvimento harmônico das Comunidades, levando ao bem-estar social.

TEXTO 3

Estudante: Sarah Nantes de Souza **1º Lugar do Colégio Santo Agostinho - Unidade Contagem**

Categoria 05
3ª série - Ensino Médio

No episódio “Waldo Moment”, da série “Black Mirror”, um comediante frustrado e em solidão contribui para uma destruição distópica da humanidade no futuro por projetar suas angústias em sua comédia de forma agressiva e, com isso, inspirar a violência no público. Infelizmente, o caos social resultante da proliferação de relações desarmoniosas entre as pessoas visto na ficção é um futuro previsível para a sociedade hodierna, em que, como no seriado, reinam o individualismo e a desconfiança, que geram um ódio criticamente limitante ao desenvolvimento coletivo. Logo, evidencia-se que a boa convivência é impreterível para a harmonia nas sociedades por promover a inclusão e suscitar o bem-estar psicológico dos cidadãos no mundo.

Diante desse contexto, pontua-se que o bom funcionamento do grupo civil está fundamentalmente atrelado ao senso de pertencimento dos membros que o formam. Nesse sentido, a multiplicação da intolerância entre as pessoas vista nas redes sociais durante o isolamento social na pandemia de covid-19 elucida que a carência de conexões interpessoais permite atitudes de incivilidade, já que, com a falta de contato, não se exercita a empatia, especialmente na internet, graças a sua parca regulação quanto a ataques e injúrias. Sob essa perspectiva, entende-se que a ausência de relações saudáveis pode perpetuar problemas sociais, sobretudo a exclusão de minorias comumente alvos de desrespeito, uma vez que impede a compreensão da realidade do outro e de suas necessidades. Com isso, é indispensável o incentivo à comunicação ética entre todos em prol da amizade social.

Ademais, salienta-se que se sentir acolhido e apoiado pela comunidade é imprescindível para a saúde mental de cada um. Nesse viés, a epidemia de depressão e de ansiedade suscitada pela solidão em massa vivida pelos idosos na Inglaterra ilustra como a falta de uma rede de apoio afeta gravemente a participação ativa do sujeito na sociedade, dado que o desenvolvimento de transtornos psicológicos pela defasagem de companhia desmotiva quem sofre deles a procurar conforto na sociedade, que os abandonou, bem como se fazer ativo nela. Dessa forma, nota-se que a não interação com pessoas sozinhas agrava fortemente sua tristeza, de modo que não vejam mais motivo para se incluírem, o que configura a indiferença sobre elas como uma rejeição de sua condição cidadã. Por isso, é crucial o resgate delas para garantir sua felicidade.

Portanto, compreende-se que, para o estabelecimento da harmonia social, é necessário que haja plena articulação entre os componentes do corpo civil permeada por um inquestionável respeito e que sejam difundidas a empatia e a responsabilidade sobre quem sofre por não estar incluído socialmente. Para isso, cabe, quanto à efetivação dessas iniciativas a nível global, à ONU a criação de um projeto de boa convivência e de desenvolvimento harmônico, a ser adotado pelos países-membros por meio de ações de integração entre várias partes da sociedade, como eventos presenciais e online de discussão do tema e de conversa casual, e de incentivo à inclusão de pessoas sozinhas com rodas de diálogo, formadas por voluntários. Essa iniciativa visará à efetiva boa convivência e, assim, espera-se ampliar a empatia globalmente.

TEXTO 4

Estudante: Luana Vaz Rodrigues de Andrade **1º Lugar da Escola Profissionalizante Santo Agostinho**

Categoria 05
3ª série - Ensino Médio

A série norte-americana “Riverdale” retrata a história de quatro amigos que conseguem solucionar grandes enigmas por meio da união. Analogamente à ficção, percebe-se, na realidade, a importância das convivências e das conexões sociais para a promoção do desenvolvimento harmônico das comunidades. Dessa forma, faz-se necessária a análise de fatores que impedem essas relações, com o objetivo de solucioná-los.

Diante desse cenário, é essencial apontar o descaso governamental como um vilão do incentivo das convivências em comunidade. Essa conjectura, segundo John Locke, configura-se como uma violação do “Contrato Social”, visto que o Estado, responsável por manter a ordem populacional, não tem cumprido o seu dever de fornecer espaços de convivência adequados para o corpo civil. Essa realidade é evidenciada quando se percebe que locais de socialização, tais como praças e parques, não possuem infraestrutura ideal para serem utilizados, gerando, por conseguinte, a diminuição das conexões sociais.

Ademais, a má influência midiática se materializa como empecilho na valorização da formação de conexões pessoais. De acordo com Pierre Bourdieu, o que foi criado para ser instrumento de socialização não deve ser convertido em mecanismo de alienação. Nessa perspectiva, observa-se que a mídia, ao invés de promover debates e conteúdos que elevem o nível de interação da população, contribuiu para que o contrário acontecesse. Tal situação pode ser exemplificada quando se observa o distanciamento interpessoal motivado pelo uso excessivo de telas, acarretando sentimento de solidão e transtornos psicológicos. Logo, medidas devem ser tomadas para combater esse revés.

Depreende-se, portanto, a necessidade de se combater esses obstáculos. Para isso, é dever do Poder Legislativo – ente da tripartição de poderes, os quais regem os estados democráticos do Brasil – a criação de novos decretos, portarias e resoluções – os quais consistem em mecanismos jurídicos que favorecem a aplicação de normas – direcionadas para a criação de ambientes de interação social, por meio da reforma de locais de convívio. Tal medida possui como objetivo o fortalecimento e o desenvolvimento das comunidades brasileiras. Dessa forma, o Estado poderá cumprir o seu “Contrato Social”, como afirma John Locke.

TEXTO 5

Estudante: Rebeca Murad Macedo Nunes **1º Lugar do Colégio Santo Agostinho - Unidade Nova Lima**

Categoria 05
3ª série - Ensino Médio

Após a Segunda Guerra Mundial, a Universidade de Harvard iniciou uma pesquisa, com o intuito de compreender qual o fator mais importante para se ter uma vida feliz, chegando à conclusão de que as relações interpessoais são o principal indicador de bem-estar social. No entanto, muitas comunidades ainda não possuem uma convivência pacífica entre os seus cidadãos, fato que pode acarretar graves violências. Dessa forma, é importante entender como a falta de conexão entre os indivíduos de uma sociedade pode levar a um cenário de agressividade, enquanto uma nação em que as pessoas são unidas torna-se harmônica, trazendo diversos benefícios, como trabalho voluntário.

Diante desse contexto, vale destacar que uma comunidade em que os cidadãos não respeitam uns aos outros – ou seja, em que os vínculos sociais não são pacíficos – está mais propícia a possuir altos índices de violência. A título de exemplo, pode-se citar o nazismo, durante a Segunda Guerra Mundial, que pregava o ódio a diversos grupos sociais, como os judeus – os quais foram presos, torturados e mortos injustamente. Nesse sentido, percebe-se que a ausência de uma boa convivência entre os indivíduos – fato que, muitas vezes, está pautado no preconceito – gera grandes conflitos nas sociedades, os quais podem levar à perda de vidas inocentes. Em suma, é notório que, a fim de construir uma nação harmônica e segura, a criação de relações interpessoais saudáveis é essencial.

Sob esse prisma, é válido destacar como uma comunidade criada com pessoas unidas apresenta inúmeros benefícios, como apoio àqueles cidadãos em situação de necessidade. Segundo o poeta Carlos Drummond de Andrade, em seu livro “Sentimento do Mundo”, só é possível criar um futuro melhor com a união dos indivíduos. Tal teoria é comprovada com as Organizações Não Governamentais (ONGs), em que civis de diversos meios sociais se juntam para ajudar um grupo específico que demanda auxílio, como pessoas em situação de rua. Logo, a obra do autor modernista é comprovada e, portanto, é relevante criar medidas que garantam a boa convivência da população.

Por isso, é válido que as ONGs – haja vista que elas são um importante exemplo de união da sociedade civil – divulguem o seu trabalho comunitário e apresentem como ele auxilia pessoas em necessidade, pois mais indivíduos poderão se interessar e aderir ao projeto. Tal ação será realizada por meio de postagens em redes sociais – como Facebook e Instagram – e de palestras em escolas, estimulando o voluntariado desde a infância. Com isso, será possível construir uma comunidade harmônica e, graças às relações interpessoais saudáveis, feliz – conforme apontado pela pesquisa de Harvard.

TEXTO 6

Estudante: Maria Eduarda de Siqueira Campos **2º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte**

Categoria 05
3ª série - Ensino Médio

O ODS 3, da Agenda 2030, consiste em um documento elaborado pela ONU, que tem como objetivo promover a saúde e o bem-estar social de todos os países participantes da proposta até o ano de 2030. Entretanto, mesmo com aproximação do prazo de cumprimento dessa meta, o Brasil encontra-se longe de concluí-la, uma vez que o desenvolvimento harmônico das comunidades ainda não foi atingido. Nesse sentido, urge a discussão sobre a importância das conexões sociais no âmbito da formação dos cidadãos e do cuidado com a saúde mental deles.

Inicialmente, nota-se que a criação de vínculos interpessoais são a base da construção cognitiva e emocional de um indivíduo. Isso acontece porque as relações sociais vividas desde a infância ensinam o ser humano a viver em comunidade, já que elas provocam habilidades de controle emocional, de resolução de problemas e incentivam o exercício da alteridade, que são virtudes essenciais para uma convivência harmônica. Sob esse viés, o psicanalista Sigmund Freud ressalta a importância dos laços afetivos ao afirmar que a personalidade dos indivíduos é formada inconscientemente durante os primeiros anos de vida, por meio da vivência social em ambientes coletivos. Contudo, apesar da notória relevância dos vínculos sociais na formação de uma sociedade em harmonia, não existe, na atualidade, grande incentivo à criação de laços afetivos em estabelecimentos cotidianos, como no trabalho, pois a população é fruto de uma cultura cada vez mais voltada ao individualismo.

Além disso, as conexões interpessoais tornaram-se um fator importante na promoção da saúde pública. Tal comportamento ocorre visto que os transtornos psicológicos são, em sua maioria, conectados à ausência de vínculos socioemocionais. Como exemplo disso, a pandemia de covid-19, em 2020, causou o aumento exorbitante de patologias psiquiátricas devido ao longo período de isolamento social. Sendo assim, fica claro que uma maneira de garantir o bem-estar populacional é um investimento na criação de laços afetivos entre as comunidades.

Portanto, medidas devem ser tomadas para promover o desenvolvimento harmônico social. Logo, é dever do Ministério da Educação – órgão público responsável pelo ensino brasileiro – tornar obrigatória a realização de atividades escolares que estimulem o convívio em sociedade desde a infância dos jovens no país, por meio da aprovação de projetos de leis, a fim de criar ambientes propícios para o estabelecimento de vínculos socioemocionais e prevenir o avanço de transtornos psicológicos associados a essa falta de conexão. Só assim, será possível promover o desenvolvimento harmônico das comunidades.

TEXTO 7

Estudante: Laura Sales Bechelane

3º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte

Categoria 05

3ª série - Ensino Médio

A “Agenda 2030”, iniciativa proposta pela Organização das Nações Unidas (ONU), tem como base 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que buscam promover o bem-estar comum. Entretanto, é notório que esses objetivos não se encontram totalmente efetivados na atualidade, haja vista a desvalorização da necessidade da boa convivência e das conexões sociais para a promoção do desenvolvimento harmônico das comunidades. Sob essa ótica, urge analisar a importância desses valores, tanto para a saúde mental quanto para o combate aos preconceitos.

De início, a manutenção de uma boa interação social implica a formação de um bem-estar psicológico. Isso ocorre, pois é necessário estar próximo de um grupo – seja ele familiar, empresarial, escolar, dentre outros – para a criação de laços afetivos fortes, que contribuem diretamente para a estabilidade do indivíduo. Nesse sentido, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), com a pandemia de covid-19, o número de pessoas diagnosticadas com psicopatologias cresceu consideravelmente, por ficarem submetidas ao isolamento social recomendado. Isso mostra, de forma prática, a necessidade do convívio entre o cidadão e a comunidade, de modo a evitar o aparecimento de transtornos mentais. No entanto, isso é dificultado pela falta de informação sobre o tema, que faz muitos não poderem ajudar quando necessário, aumentando as chances desse surgimento.

Ademais, um enfrentamento a discriminações é outra importância desse cenário. Isso se deve ao fato de que, na atualidade, devido a um pensamento preconceituoso, construído por uma ineficiência nas conexões sociais, muitos grupos são alvos de exclusão na sociedade, como os LGBTQs. Segundo o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC), por exemplo, 273 pessoas pertencentes a esses grupos morreram por homofobia ou transfobia em 2023. Isso mostra que a mentalidade social ainda não desenvolve uma convivência ideal, o que mostra a necessidade de tomar medidas cabíveis para solucionar o problema.

Portanto, cabe ao Ministério da Educação (MEC) – órgão responsável por administrar e tratar pautas educacionais –, por meio de palestras de conscientização, ensinar a população acerca da importância da boa convivência e das conexões sociais para a promoção do desenvolvimento harmônico da sociedade. Essas palestras devem contar com uma explicação detalhada sobre saúde mental e sobre a importância de buscar ajuda, além de trabalhar a necessidade de combater o preconceito. Isso deve ser feito com o objetivo de promover o bem-estar comum e efetivar os ODS da Agenda 2030.

TEXTO 8

Estudante: Maria Fernanda Assumpção **4º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Contagem**

Categoria 05
3ª série - Ensino Médio

No filme “Extraordinário”, August é um menino com deficiência rara e que, devido a isso, possui dificuldades de socializar, até o momento em que ele passa a estudar em uma escola e encontra pessoas que o incluem e o ajudam a superar a discriminação. Nesse sentido, percebe-se que a obra retrata uma situação comum no cenário brasileiro, em que as conexões sociais são fundamentais para o desenvolvimento individual e coletivo, bem como para o fomento de relações harmônicas. Logo, evidencia-se que, através dessas conexões, é possível combater preconceitos e, conseqüentemente, gerar maior inclusão.

Diante desse contexto, nota-se que as relações interpessoais contribuem para o combate ao preconceito. Sob essa perspectiva, através da formação de interações entre os indivíduos, é possível diminuir significativamente a discriminação, uma vez que é por meio desse contato que as pessoas aprendem a conviver em sociedade, a respeitar as diferenças e a desenvolver empatia, que são essenciais para manter uma comunidade mais harmônica, além de combater os preconceitos. Nessa lógica, na série literária “Heartstopper”, pode-se observar a importância das conexões interpessoais pelo personagem Charlie, um garoto solitário que enfrentou o bullying com a ajuda de seu melhor amigo, Nick, e juntos construíram uma amizade carinhosa e respeitosa. Com isso, destaca-se a relevância de estimular uma boa convivência, tanto para minimizar o preconceito quanto para assegurar uma população inclusiva e empática.

Por conseguinte, observa-se a maior inclusão de cidadãos ao minimizar atos preconceituosos. Nessa perspectiva, ao combater a discriminação, promove-se uma integração de indivíduos à sociedade, visto que ações discriminatórias silenciam e reprimem determinadas parcelas da população e, por isso, diminuir a presença do preconceito permite incluir pessoas que antes eram marginalizadas. Dessa forma, no livro “Pequeno manual antirracista”, de Djamila Ribeiro, a autora busca informar e conscientizar o leitor acerca das formas de combater o racismo no dia a dia, com o intuito de incentivar ações inclusivas e que buscam assegurar relações mais respeitadas e harmônicas. Assim, é visível que, para fomentar uma boa convivência entre as pessoas, é extremamente importante a inclusão de todos no corpo social.

Portanto, combater o preconceito e proporcionar uma maior inclusão são ações necessárias para conceber comunidades mais harmônicas. Desse modo, o Ministério da Cidadania, responsável por assegurar o bem-estar dos cidadãos, deve promover campanhas educacionais que buscam conscientizar os jovens acerca do combate ao preconceito e da importância do respeito nas relações interpessoais. Para tanto, tal medida deve ser realizada por meio de palestras em escolas e de atividades dinâmicas que incluam a participação dos estudantes. Por fim, espera-se que tal ação promova uma boa convivência entre as pessoas, mediante o combate à discriminação e a implementação de relações harmônicas.

TEXTO 9

Estudante: Maria Fernanda Guimarães Turci **5º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Contagem**

Categoria 05
3ª série - Ensino Médio

A série americana “Friends” apresenta um grupo de amigos que, durante os anos passados juntos, vivenciam diversas mudanças e situações que fortalecem os laços de amizade e contribuem para o desenvolvimento pessoal de cada um. Sob essa lógica, é evidente a necessidade da boa convivência e das conexões sociais para a promoção da harmonia nas comunidades, visto que, sem isso, as relações interpessoais podem se tornar hostis e motivar a instabilidade e o conflito. Logo, destaca-se a ausência de ações voltadas para a conscientização acerca da importância das interações sociais saudáveis e do incentivo dessa prática, assim como a omissão quanto às consequências da vida em um ambiente conflituoso como fatores que prejudicam a harmonia na sociedade.

Diante disso, é notório que o Estado não cumpre sua função de promover uma vida harmônica em comunidade. Nesse viés, o livro “Cidadão de papel”, de Gilberto Dimenstein, aponta que agentes governamentais não exercem seu dever na prática, somente no papel, como ocorre com a educação emocional, dado que diversas instituições escolares não buscam ensinar sobre a necessidade de relações para desenvolver um psicológico estável e saudável. Como efeito, devido ao descaso governamental, muitas pessoas não possuem esse conhecimento e, conseqüentemente, não buscam construir vivências boas, o que leva à formação de indivíduos solitários e mentalmente instáveis. Com isso, é inadmissível que o governo, enquanto promotor do bem-estar social e da qualidade de vida, ignore essa realidade.

Ademais, a omissão da população em relação ao enfrentamento de convivências emocionalmente abusivas e suas consequências para a saúde mental contribui para esse cenário. Nesse sentido, o filme brasileiro “Meu Pé de Laranja Lima” mostra uma criança que vive em um ambiente extremamente agressivo e passa a adotar comportamentos violentos e, por isso, é excluída socialmente. À vista disso, é possível identificar como a falta de acolhimento e de apoio pode prejudicar o desenvolvimento harmônico da sociedade. Dessa forma, a despreocupação da comunidade, que se dá em virtude do egoísmo, promove a vulnerabilidade e a exclusão de indivíduos e, por conseguinte, aumenta a insegurança e a hostilidade nas convivências sociais. Assim, a população, infelizmente, promove essa realidade injusta e agressiva.

Portanto, com o objetivo de solucionar as problemáticas relacionadas às conexões sociais para construção de uma humanidade saudável, cabe ao Ministério da Educação criar projetos de educação socioemocional em escolas de todo o Brasil. Essa proposta será realizada por meio de aulas dedicadas à conscientização acerca da importância da convivência saudável – que serão feitas mediante rodas de conversa para exposição de experiências individuais e procura de ajuda psicológica. Espera-se, por fim, construir uma sociedade mais emocionalmente estável e harmoniosa, bem como alcançar a boa convivência comum.

TEXTO 10

Estudante: Mariana Gonçalves Viana **6º Lugar Geral - Escola Profissionalizante Santo Agostinho**

Categoria 05
3ª série - Ensino Médio

O filme “Coringa”, protagonizado por Joaquin Phoenix, retrata os prejuízos causados a Arthur Fleck devido ao relacionamento problemático com a sociedade na qual está inserido. Analogamente, na atualidade brasileira, encontra-se em pauta a importância da boa convivência e das conexões sociais para a promoção do desenvolvimento harmônico das comunidades. Nesse sentido, torna-se essencial fomentar o sentimento de pertencimento, bem como atenuar os impactos do isolamento.

Em primeiro plano, é indubitável que relações interpessoais sólidas contribuem para a formação humana. Segundo Sócrates, filósofo grego, a construção de vínculos é uma necessidade inerente ao ser e, por isso, não deve ser negligenciada. Sob esse viés, pode-se afirmar que as interações sociais estão diretamente relacionadas à qualidade de vida das pessoas, na medida em que incentivam a troca de experiências e conhecimentos, seja no âmbito da família, do trabalho ou das amizades, contribuindo para a estruturação não só pessoal, mas também coletiva dos indivíduos que compõem a comunidade, já que, quando interligados, sentem-se como participantes do todo.

Ademais, as conexões em questão colaboram para evitar os malefícios causados pela solidão. Segundo dados do Fantástico, exibido pela TV Globo, sintomas de problemas mentais, como a depressão, e físicos, como o sedentarismo, mostraram-se mais recorrentes em pacientes cujas relações sociais não são devidamente estabelecidas. Sob essa perspectiva, é possível afirmar que uma boa convivência comunitária trata-se também de uma questão de saúde pública, visto que sua ausência pode gerar condições que comprometem a integridade dos cidadãos.

Portanto, uma intervenção faz-se necessária. Para isso, o Governo Federal – responsável pelo bem-estar da população – deve promover a convivência harmônica do corpo social, por meio de atividades coletivas em espaços públicos, a fim de manter a higidez do cidadão. Assim, realidades como a de Arthur Fleck serão evitadas.

TEXTO 11

Estudante: Letícia Ribeiro Guimarães **7º Lugar Geral - Escola Profissionalizante Santo Agostinho**

Categoria 05
3ª série - Ensino Médio

A série "Avatar – O último mestre do ar", produzida pela Netflix, retrata, ao longo dos seus episódios, a vida das pessoas das comunidades (fogo, terra, ar e água) e as relações entre seus habitantes. Os indivíduos desses grupos possuem relações desarmônicas e, por diversas vezes, entram em guerra. De maneira semelhante à obra, observa-se que, na sociedade atual, as pessoas também estão interagindo entre si de forma pouco saudável e desagradável. Desse modo, é importante que se discuta sobre a causa dessa problemática, bem como se analise a promoção da boa convivência para o desenvolvimento harmônico.

Sob esse viés, é indispensável salientar que uma das causas do problema está relacionada à estrutura familiar. A novela infantil brasileira "Carrossel" aborda, em vários de seus capítulos, a vida de Mário, uma criança que sofre com a ausência da figura paterna, não conseguindo se relacionar bem com os outros cidadãos e, por muitas vezes, é considerado travesso e desobediente. Nesse sentido, percebe-se que a instabilidade da estrutura familiar e a falta de pessoas acolhedoras nos lares proporcionam relações desarmônicas e conflituosas, em que os indivíduos ficam frustrados. Assim, evidencia-se a importância da prática da boa convivência na sociedade.

Outrossim, é notório destacar a importância de um bom convívio para a promoção do desenvolvimento harmônico das comunidades. No período da Antiguidade, em que as sociedades estavam se formando, é possível analisar como as relações interpessoais estiveram presentes nesse processo. Isso é perceptível, por exemplo, nas trocas comerciais, em que era necessário que se tivesse uma boa convivência entre os indivíduos para que se chegasse a um acordo. Logo, pode-se inferir que, quando se tem harmonia entre as pessoas, o desenvolvimento das comunidades e dos cidadãos é efetivo.

Portanto, torna-se fundamental que a realidade de boa convivência e harmonia esteja presente entre as pessoas. Logo, é necessário que os órgãos do Estado, que são responsáveis pela disseminação de informações, realizem campanhas de conscientização sobre a importância de boas relações, de modo que elucidem o assunto à população, por meio dos veículos de comunicação. Somente assim a boa convivência será efetiva.

TEXTO 12

Estudante: Eduarda Isabelle Valério Barcelos **8º Lugar Geral - Escola Profissionalizante Santo Agostinho**

Categoria 05
3ª série - Ensino Médio

No livro “O Pequeno Príncipe”, o protagonista vive um relacionamento de cuidado e carinho com uma raposa, que diz: “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas”, destacando, então, que a amizade entre os dois deveria ser cultivada. Paralelamente à obra, na realidade não é diferente, pois sabe-se que relações necessitam de dedicação e atenção para perdurarem, quaisquer que sejam. Porém, atualmente, essa interação não tem sido valorizada, já que as redes sociais dificultam o momento de qualidade e as sociedades, em sua maioria, optam por priorizar atividades individuais.

Em primeiro lugar, no ano de 2020, o mundo viveu uma grande crise humanitária por conta da covid-19. Nesse sentido, as pessoas que estavam de quarentena aumentaram significativamente o seu contato com as redes sociais. Dessa forma, relações pessoais se tornaram uma dificuldade mesmo após o fim da pandemia. Ademais, nota-se que muitos jovens possuem desafios interligados à vergonha, à timidez e, até mesmo, ao medo de conversar com outras pessoas.

Em segundo lugar, de acordo com a ascensão de responsabilidades, o carinho com os relacionamentos não é tão importante como antes para a população. De acordo com o livro “As cinco linguagens do amor”, hoje os cidadãos enfrentam muito mais obstáculos para compreender a forma com que os outros se sentem amados e não priorizam isso. Outrossim, tal cenário gera pessoas individualistas e solitárias, podendo desencadear uma futura geração mentalmente doente.

Portanto, conclui-se que o Governo Federal – responsável pela Constituição – deve, por meio de políticas públicas e das mídias, incentivar os brasileiros a se relacionarem bem e ressaltar informações relevantes para isso. Somente assim será gerada uma população que possui relacionamentos saudáveis.

TEXTO 13

Estudante: Sofia de Ávila Pedersoli Rocha **9º Lugar Geral - Colégio Santo Agostinho - Unidade Belo Horizonte**

Categoria 05
3ª série - Ensino Médio

Desde a era dos Povos Ágrafos, milhares de anos antes da invenção da escrita, os seres humanos já eram marcados pelas trocas de contato, a fim de compartilhar experiências que poderiam levá-los ao desenvolvimento. Hoje em dia, a comunicação, independentemente de sua forma, continua sendo a base da sociedade, já que as relações construídas entre si fazem os indivíduos capazes de aprender mais uns com os outros. Entretanto, mesmo com isso em vista e sua extrema importância, alcançar uma boa convivência dentro das conexões sociais tende a ser difícil.

Certamente, a busca pela harmonia social promove o bem-estar geral das comunidades. Ao implementar valores como a empatia, a honestidade e a confiança nos vínculos interpessoais, é possível fortalecer e conquistar a colaboração e a parceria do outro, abrindo caminhos para relacionamentos mais produtivos. Isso fundamenta, por exemplo, o slogan “gente que forma a gente”, da mantenedora do Colégio Santo Agostinho, que visa humanizar e incentivar o ensino por meio das boas conexões.

Porém, mesmo tendo essa ideia incentivada pelos resultados que se obtêm na prática, alguns fatores impedem a promoção desse ambiente harmônico. Um deles, de acordo com o conceito de individualismo, trabalhado pelo filósofo Bauman em uma de suas teorias, dar-se-ia pelo fato de a geração atual focar somente em si própria, colocando os interesses e benefícios pessoais acima dos de qualquer outro. Isso impossibilita a construção de oportunidades de compartilhamento de aprendizado, sentimentos e energia com os demais, já que ninguém estaria interessado a ajudar o outro a avançar. Assim, a evolução positiva do mundo tende a diminuir, devido à falta de cooperação entre os cidadãos.

Portanto, espera-se que as grandes empresas por trás das redes sociais promovam campanhas de conscientização por meio dos recursos de suas plataformas. Essa iniciativa teria como finalidade atingir o maior número de pessoas possível, para influenciá-las sobre a necessidade do cuidado e desenvolvimento das relações pessoais. Tendo essa consciência, é possível trabalhar a comunicação positiva e os benefícios do senso de pertencimento, cultivando o respeito e a gentileza, princípios fundamentais de uma sociedade harmônica.

POSFÁCIO

Ao concluir esta coletânea, somos tocados pela força e pelo significado das palavras que aqui se encontram, capazes de moldar não apenas o intelecto, mas também o coração. Trata-se da evidência de uma proposta educacional cuja missão é transformar a vida das pessoas que vão transformar o mundo a partir do presente. “Conviver: caminho para a construção de redes” vai além da simples escrita; ela se insere em uma rica tradição de diálogo e de entendimento, em que cada texto se torna um portal para novas formas de convivência e união.

Assim como Santo Agostinho, cuja obra continua a inspirar gerações, os (as) jovens autores (as) desta coletânea se juntam ao legado da literatura e da educação. Suas palavras ecoam ensinamentos de convivência e de respeito, criando laços que não apenas conectam, mas também fortalecem as relações humanas. Cada texto é uma contribuição para a nossa compreensão coletiva de como a convivência pode ser um caminho para a mudança social.

É fundamental parabenizar os (as) estudantes escritores (as) que, com criatividade, coragem e talento, presentearam-nos com textos que revelam não apenas sua habilidade literária, mas também sua sensibilidade social e ética. Vocês, jovens autores (as), são os (as) verdadeiros protagonistas desta obra, e cada palavra escrita por vocês demonstra um compromisso com a construção de um mundo mais justo, fraterno e solidário.

Agradecemos também os (as) educadores (as) que, como mentores (as), guiaram esses jovens em sua jornada literária. Vocês desempenharam um papel na formação desses (as) novos (as) escritores (as), oferecendo não apenas o conhecimento técnico, mas também a inspiração e o apoio necessários para que cada um pudesse expressar suas ideias e sentimentos. O papel de vocês, educadores (as), é fundamental para que iniciativas como esta se concretizem e floresçam, como um currículo profundamente evangelizador.

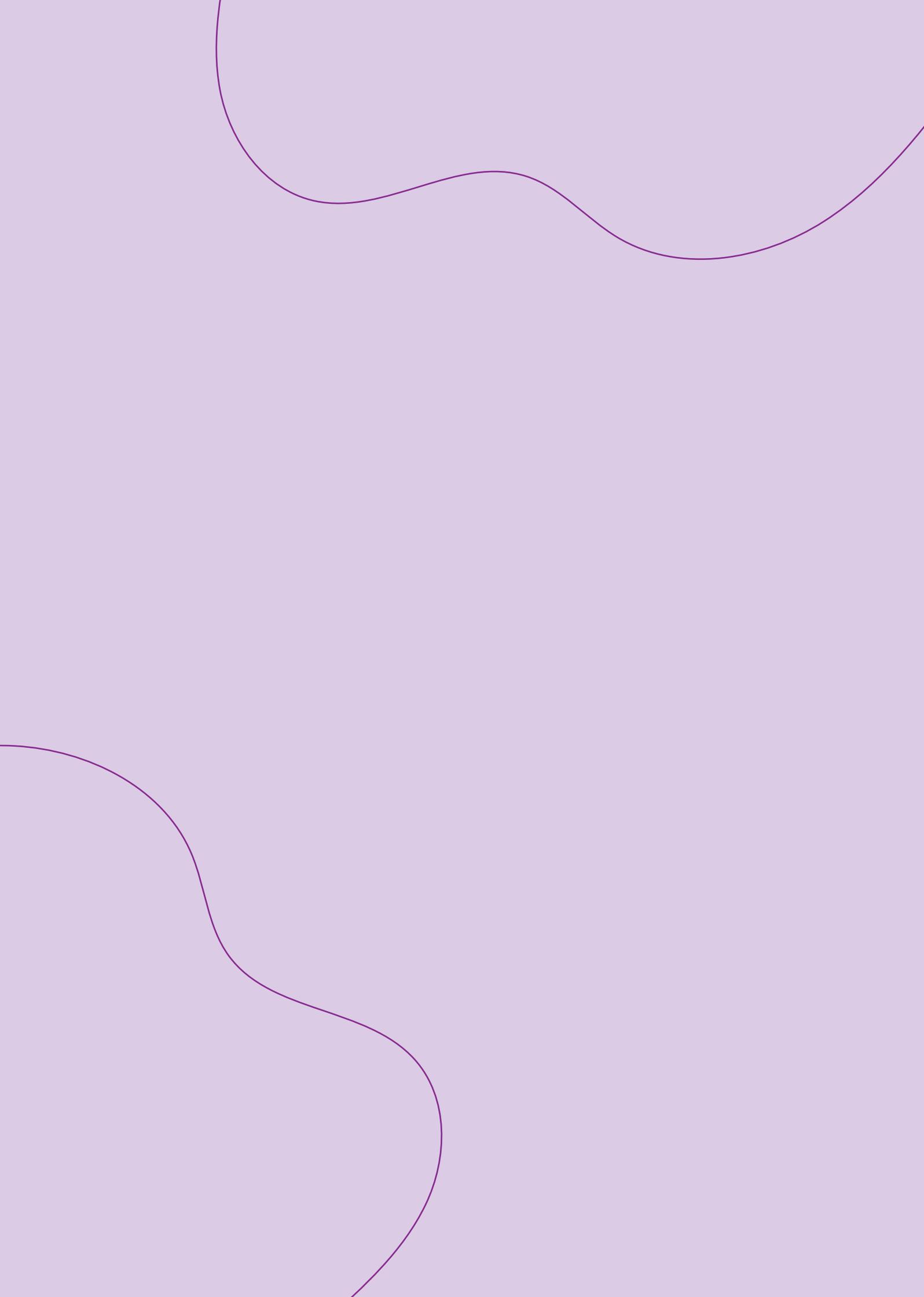
A juventude tem um poder extraordinário de transformar o mundo, e isso é evidente nesta coletânea. Os jovens têm a capacidade única de ver o mundo com novos olhos, questionar e imaginar novas possibilidades. Eles são movidos por uma energia e paixão que, quando direcionadas para o bem, podem ser forças imparáveis de mudança. O que vemos nestes textos é o reflexo desse potencial transformador, em que as ideias jovens são sementes que, quando cultivadas, podem florescer e se transformar em ações que mudam vidas e moldam o futuro.

Por fim, destacamos a importância do Mês Agostiniano como um programa que vai além da comemoração, fortalecendo um currículo evangelizador que nutre o espírito e promove valores cristãos fundamentais. Este período é uma oportunidade única de reflexão e aprofundamento, em que a educação se alinha com os princípios do evangelho para formar indivíduos não apenas intelectualmente

preparados, mas também espiritualmente comprometidos com a construção de uma sociedade mais fraterna.

Que as redes construídas por meio destes textos continuem a crescer, promovendo um bem-viver e conviver em nossa sociedade. A coletânea "Conviver: caminho para a construção de redes" é um testemunho de que, através da escrita, é possível não só entender o mundo ao nosso redor, mas também moldá-lo para que seja um lugar mais justo, inclusivo e humano.

Jonathan Félix de Souza
Coordenador Institucional
Centro Agostiniano de Pastoralidade





ESCOLA PROFISSIONALIZANTE
SANTO AGOSTINHO
Agostinianos



COLÉGIO
SANTO AGOSTINHO
Agostinianos